

Karen Levine

MAIS DE
1.500.000
EXEMPLARES
VENDIDOS!



A mala
de Hana
uma história real

SM
MELHORAMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Karen Levine

A mala
de Hana
uma história real



FNLIJ

**ALTAMENTE
RECOMENDÁVEL**

*Para meus pais,
Helen e Gil Levine*

Introdução

1. Tóquio, Japão - inverno de 2000
2. Nove Mesto, Tchecoslováquia - década de 1930
3. Tóquio, inverno de 2000
4. Nove Mesto, 1938
5. Tóquio, março de 2000
6. Nove Mesto, 1939
7. Tóquio, março de 2000
8. Nove Mesto, outono de 1940 – primavera de 1941
9. Tóquio, abril de 2000
10. Nove Mesto, outono de 1941
11. Tóquio, primavera de 2000
12. Nove Mesto, inverno de 1941-42
13. Nove Mesto, maio de 1942
14. Tóquio, junho de 2000
15. Centro de Deportação, maio de 1942
16. Terezin, julho de 2000
17. Theresienstadt, maio de 1942
18. Terezin, julho de 2000
19. Theresienstadt, 1942-43
20. Terezin, julho de 2000
21. Theresienstadt, 1943-44
22. Terezin, julho de 2000
23. Praga, julho de 2000
24. Tóquio, agosto de 2000
25. Toronto, Canadá, agosto de 2000
26. Toronto, agosto de 2000
27. Tóquio, setembro de 2000
28. Tóquio, março de 2001

Considerações finais

Agradecimentos

Créditos

INTRODUÇÃO

A MALA DE HANA é uma história real que se passou em três continentes durante um período de quase setenta anos. Envolve a experiência de uma garotinha e de sua família na Tchecoslováquia (atual República Tcheca) nas décadas de 1930 e 1940, uma jovem e um grupo de crianças em Tóquio, no Japão, e um homem em Toronto, no Canadá, nos dias de hoje.

Entre 1939 e 1945, o mundo estava em guerra. O ditador nazista Adolf Hitler desejava que a Alemanha dominasse o mundo. No centro de seu plano estava a eliminação brutal do povo judeu da face da Terra. Para se livrar desses “inimigos”, ele montou dezenas de campos de prisioneiros – chamados de campos de concentração – pela Europa. Homens judeus, assim como mulheres e crianças de quase todos os países europeus, foram deportados. Eles foram arrancados de suas casas e enviados aos campos, onde sofreram terrivelmente. Muitos morreram de fome ou por causa de doenças. A maioria foi assassinada. Nesses campos de morte – e em qualquer lugar onde os seguidores de Hitler executavam seu plano macabro –, seis milhões de judeus foram mortos. Um milhão e meio de crianças estava entre eles.

Em 1945, a guerra acabou e o mundo inteiro soube do horror do que acontecera nos campos de concentração. Desde então, as pessoas vêm tentando entender melhor o que hoje chamamos de “Holocausto”, o pior massacre em massa – ou genocídio – de todos os tempos. Como isso foi acontecer? Como podemos ter a certeza de que nunca ocorrerá de novo?

No Japão, um país aliado dos nazistas durante a II Guerra Mundial, prestar atenção à história do Holocausto é algo recente. Um anônimo doador japonês, que quis contribuir para a tolerância e o entendimento globais, decidiu que era importante que os jovens do Japão aprendessem mais sobre esse aspecto da história humana. Por iniciativa própria, fundou o Centro Educacional do Holocausto de Tóquio, que tem como objetivo educar as novas gerações.

Num Encontro Juvenil sobre o Holocausto, em 1999, duzentos estudantes de várias escolas de Tóquio e áreas próximas encontraram-se com a sobrevivente Yaffa Eliach. Ela contou sobre como os nazistas massacraram todos os que moravam em sua vila, jovens e idosos. No final da palestra, lembrou que as crianças têm o poder de “criar a paz no futuro”. Alguns jovens japoneses ali presentes aceitaram o desafio e formaram um grupo chamado “Pequenas Asas”. Agora, os membros do “Pequenas Asas”, de oito a dezoito anos, ajudam o Centro Educacional do Holocausto de Tóquio e trabalham para que outros jovens conheçam a história desse massacre. O grupo trabalha sob a liderança de Fumiko Ishioka, a diretora do Centro Educacional.

A mala – a mala de Hana – é a chave para o sucesso de sua missão. Dentro dela há uma história de tristeza profunda e alegria intensa, uma lembrança da brutalidade do passado e da esperança do futuro.

A MALA DE HANA

1
TÓQUIO, JAPÃO,
INVERNO DE 2000

NA VERDADE, é uma mala muito comum. Um pouco gasta nas extremidades, mas em boas condições.

É marrom. É grande. Cabe muita coisa dentro – roupas para uma longa viagem, talvez. Livros, jogos, tesouros, brinquedos. Mas agora já não há nada lá dentro.

Todos os dias, crianças visitam um pequeno museu em Tóquio para ver essa mala. Ela fica dentro de uma vitrine de vidro. Através do vidro, dá para ver que há algo escrito. Em tinta branca, na frente da mala, há um nome de menina: Hana Brady. Uma data de nascimento: 16 de maio de 1931. E uma outra palavra: Waisenkind. É a palavra alemã para órfã.

As crianças japonesas sabem que aquela mala veio de Auschwitz, um campo de concentração onde milhões de pessoas sofreram e morreram durante a II Guerra Mundial entre 1939 e 1945. Mas quem era Hana Brady? De onde ela veio? Para onde estava indo? O que ela colocou dentro da mala? Como ficou órfã? Que tipo de garota ela era e o que lhe aconteceu?

As crianças faziam muitas perguntas. A diretora do museu, uma moça esguia de longos cabelos negros, também tinha muitas perguntas. Seu nome é Fumiko Ishioka.

Fumiko e as crianças delicadamente tiraram a mala de dentro da vitrine e a abriram. Olharam em todos os bolsos: talvez Hana tivesse deixado uma pista. Não havia nada. Olharam dentro do forro, feito com tecido de bolinhas. Também não acharam nenhuma pista ali.



A mala de Hana. Embora ela escrevesse seu nome com apenas um “n”, os alemães escreviam com dois, como se vê na mala.

Fumiko prometeu às crianças que faria tudo o que pudesse para descobrir quem era a dona da mala e resolver o mistério. E, durante o ano seguinte, tornou-se detetive, procurando pelo mundo

as pistas deixadas por Hana Brady .



A cidade de Nove Mesto e seus arredores.

NAS MONTANHAS ondulantes no meio do território da antiga Tchecoslováquia, numa província chamada Morávia, ficava a cidade de Nove Mesto. Não era grande, mas era famosa. Especialmente no inverno, quando ficava muito agitada. Pessoas de todos os cantos do país vinham esquiar. Havia corridas; havia trilhas a serem exploradas e lagos congelados. No verão, as pessoas nadavam, pescavam, passeavam de barco e acampavam.

Nove Mesto era o lar de quatro mil pessoas. No passado, a cidade também era conhecida pela fabricação de vidro. No entanto, nos anos de 1930 as pessoas trabalhavam nas florestas e em pequenas oficinas que fabricavam esquis. Na rua principal havia um prédio imponente, de dois andares. Até o sótão tinha dois andares. No porão, uma passagem secreta levava a uma igreja na praça principal. Antigamente, quando a cidade era cercada, essa passagem era usada pelos soldados para estocar comida e suprimentos para a população de Nove Mesto.

No andar térreo desse grande prédio ficava a maior loja da cidade. Ali, podia-se comprar quase tudo: botões, geleia, lâmparinas a óleo, apetrechos para jardinagem, sinos de Natal, pedras para afiar facas, canetas e guloseimas. No segundo andar, vivia a família Brady: o pai Karel, a mãe Marketa, Hana e seu irmão mais velho, George.

Papai trabalhava seis dias por semana na loja. Ele era um atleta, conhecido por todos em Nove Mesto por sua paixão por futebol, esqui e ginástica. Também era ator amador, com uma voz tão potente que podia ser ouvida do outro lado do campo de futebol. Por causa de sua voz, era ele quem comandava as corridas de esqui com o megafone, para que todos ouvissem quem estava ganhando. Também era bombeiro voluntário que, juntamente com outros homens e mulheres da cidade, dirigia o carro de bombeiros para atender às emergências.

A família Brady costumava abrir a casa para artistas de todos os tipos: músicos, pintores, poetas, escultores e atores. Quando estes ficavam com fome, sempre havia um prato quentinho, preparado por Boshka, a empregada e cozinheira da família. E os talentos artísticos sempre encontravam uma plateia ansiosa, que incluía duas crianças “arteiras”: Hana e George. Às vezes, George tocava violino. Hana adorava mostrar suas habilidades ao piano para qualquer um que quisesse ouvir. No meio da sala de estar havia uma vitrola à manivela. Hana sempre tocava sua canção favorita – “Eu tenho nove canários” – vez após vez.

Mamãe era uma anfitriã calorosa e generosa, com um ótimo senso de humor e uma risada que mais parecia um grito, de tão alta. Ela também trabalhava seis dias por semana na loja, e as pessoas com frequência entravam no estabelecimento apenas para ouvir as suas piadas e rir de suas brincadeiras. Mamãe tinha um cuidado especial com os pobres de Nove Mesto, que viviam na periferia da cidade. Uma vez por semana, preparava uma trouxa com roupas e comida e Hana distribuía aos carentes. Hana ficava muito orgulhosa de sua missão e reclamava quando sua mãe não tinha nada para distribuir.

Hana também ajudava na loja. Desde muito pequenos, Hana e George eram encarregados de manter as prateleiras limpas, arrumadas e abastecidas. Também aprenderam a fatiar fermento fresco, a decorar o pão doce com calda de açúcar, a pesar temperos e condimentos e a enrolar cones de papel para servir de saquinhos para doces. De vez em quando, Mamãe notava que

alguns desses cones cheios de doce tinham desaparecido. Hana nunca denunciou George. E ele também nunca denunciou Hana.



Hana fantasiada para uma peça na escola.



Nove Mesto. A família Brady morava no segundo andar do quarto prédio da esquerda para a

direita. A loja ficava no térreo.

Sempre havia alguns gatos pela loja, que trabalhavam em período integral como caçadores de ratos. Mas, uma vez, numa ocasião especial, Mamãe e Papai compraram fofos gatos angorás brancos de presente para as crianças. Eles chegaram pelo correio, numa caixa com buracos para respirar. No começo, Sylvia, a cadela borzoi da família, farejou o ar, suspeitando de algo. Mas logo logo, os gatinhos, a que Hana chamou de Micki e Mourek, foram efetivamente aceitos na família.

Hana e George frequentavam uma escola pública. Eram crianças normais, que costumavam aprontar algumas. Causavam problemas, mas também orgulhavam seus pais como qualquer criança. Havia apenas uma diferença.

Os Brady eram judeus. Não eram uma família religiosa, mas Mamãe e Papai queriam que as crianças soubessem de sua fé. Uma vez por semana, enquanto seus colegas iam para a igreja, Hana e George tinham aulas com uma professora especial, que os ensinava sobre os feriados judeus e a história de seu povo.

Havia algumas outras famílias judias em Nove Mesto, mas Hana e George eram as únicas crianças judias na cidade. Nos primeiros anos, ninguém prestou atenção ou se importou com a diferença. Todavia, pouco tempo depois, o fato de serem judeus seria considerado o fator mais importante para aquela família.

3
TÓQUIO,
INVERNO DE 2000

DE VOLTA ao escritório, do outro lado do mundo e quase meio século mais tarde, Fumiko Ishioka lembrou-se de como a mala foi parar em suas mãos.

Em 1998, ela havia começado seu trabalho como coordenadora de um pequeno museu chamado Centro do Holocausto de Tóquio. Era dedicado a ensinar as crianças japonesas sobre o Holocausto. Numa conferência em Israel, Fumiko conheceu alguns sobreviventes do Holocausto, pessoas que viveram os horrores dos campos de concentração. Ela ficou espantada com o otimismo e a alegria de viver daquelas pessoas, mesmo depois de tudo o que tinham passado. Quando Fumiko se sentia triste sobre algumas coisas em sua vida, sempre pensava nesses sobreviventes. Eles eram tão determinados e sábios... Tinham tanto a ensinada-la...

Fumiko queria que os jovens no Japão também aprendessem sobre o Holocausto, e esse era o seu trabalho. Não era uma tarefa fácil. Como, perguntava-se, faria com que as crianças japonesas entendessem a história terrível do que acontecera com milhões de judeus num continente distante mais de cinquenta anos atrás?

Fumiko decidiu que o melhor jeito de começar era por meio de objetos que as crianças pudessem ver e tocar. Ela escreveu para museus do Holocausto e museus judeus em todo o mundo – na Polônia, na Alemanha, nos Estados Unidos e em Israel – pedindo que emprestassem artefatos que teriam pertencido a crianças. Ela colocou um anúncio na internet. Escreveu para algumas pessoas que poderiam ajudá-la. Fumiko procurava um par de sapatos e uma mala.



Fumiko ensinando as crianças do Centro sobre o Holocausto.

Todos lhe deram as costas, dizendo que os objetos que haviam sido tão cuidadosamente preservados não poderiam ser emprestados a um museu tão pequeno, tão longe. Fumiko ficou sem saber o que fazer. Mas ela não é do tipo de pessoa que desiste facilmente, pelo contrário. Quanto mais rejeições recebia, mais determinada ficava.

Naquele outono, Fumiko viajou até a Polônia, onde muitos campos de concentração nazistas haviam sido construídos. Ali, onde havia sido o campo mais conhecido, visitou o Museu de Auschwitz. Fumiko implorou para conversar com o diretor-assistente do museu. Ela teve cinco minutos para explicar o que queria. Quando deixou o escritório do assistente, tinha a promessa de que seu pedido ia ser considerado.

Alguns meses depois, um pacote do Museu de Auschwitz chegou: uma meia e um sapato de criança, uma blusa, uma lata do gás venenoso Zyklon B e uma mala: a mala de Hana.



O Centro Educacional do Holocausto de Tóquio, Japão.



Fumiko Ishioka e uma das crianças em visita ao Centro.



Hana adorava brincar ao ar livre, quando era mais jovem.

4
NOVE MESTO,
1938

HANA TINHA CABELOS LOIROS, olhos azuis e uma cara redonda e linda. Ela era uma menina forte. De vez em quando, Hana provocava George para uma briga, só para exibir seus músculos. Seu irmão era três anos mais velho e, mesmo assim, Hana, às vezes, saía como vencedora. Mas, na maior parte do tempo, Hana e George brincavam juntos.

No verão, no riacho atrás da casa da família, eles fingiam ser da marinha. Numa velha banheira de madeira, as crianças velejavam até que um deles tirasse a rolha do fundo e o “navio” afundasse entre risos e muito barulho. Havia três tipos de balanço no quintal dos fundos: um para crianças pequenas, um com dois lugares e um que ficava preso numa árvore gigantesca e balançava até o riacho. Às vezes, as crianças da vizinhança se reuniam ali para competições nos balanços. Quem conseguia ir mais alto? Quem conseguia pular mais longe? Na maioria das vezes, era Hana.



As crianças construindo um forte na neve.

Nos longos corredores de seu apartamento no andar em cima da loja, Hana apostava corridas em seu triciclo vermelho com George, no triciclo azul. No inverno, Hana e George construíam fortes de neve e esquiavam. Mas a paixão de Hana era patinar, e ela praticava suas piruetas no lago congelado em Nove Mesto. Às vezes, quando vestia seu traje especial para patinação – que era vermelho com pelo branco nos punhos –, ela imaginava que era uma princesa dançarina. Seus pais, seus amigos e seu irmão aplaudiam suas apresentações e seu sonho.



Hana com seu traje especial de patinação.

Por seus pais trabalharem seis dias por semana, as manhãs de domingo eram especiais para a família. Quando acordavam, George e Hana iam se aconchegar embaixo da colcha de penas na cama dos pais. Nas tardes de domingo, no verão, todos se empilhavam no carro e iam até o forte ou castelo mais próximo fazer um piquenique. De vez em quando, Tio Ludvik e Tia Hedda, que também viviam em Nove Mesto, os acompanhavam. No inverno, havia corridas de trenó e longas aventuras de esqui. Hana sabia esqui muito bem. Na trilha de oito quilômetros entre Nove Mesto e uma vila próxima (que tinha uma doceria fantástica, com pães doces deliciosos), Hana era a líder da grande família de primos, mesmo sendo a mais jovem.



Hana e George aprenderam a esquiarm bem jovens.

Mas na virada do ano de 1938, havia um sentimento novo e ameaçador no ar. Havia rumores de guerra. Adolf Hitler e os nazistas assumiram o controle da Alemanha. No começo daquele ano, Hitler tinha tomado a Áustria. Então marchou com seus exércitos em partes da Tchecoslováquia. Refugiados – pessoas que tentavam escapar dos nazistas – começaram a bater na porta da família Brady pedindo dinheiro, comida e abrigo. Eram sempre bem-recebidos por Mamãe e Papai. Mas as crianças estavam perplexas. “Quem eram aquelas pessoas?”, pensava Hana. “Por que estão vindo para cá? Por que não ficam em suas próprias casas?”

À noite, quando Hana e George iam para a cama, Mamãe e Papai ouviam as notícias pelo rádio. Muitas vezes, amigos vinham e se juntavam a eles, conversando durante toda a noite sobre as notícias que tinham ouvido.

– Vamos falar baixo – diziam eles –, para não acordar as crianças.

A conversa dos adultos era tão intensa, as discussões tão acaloradas, que nem ouviam o barulho das tábuas do chão na sala escura, enquanto Hana e George caminhavam na ponta dos pés até o posto de escuta secreto perto da porta da sala. As crianças ouviram falar das leis antijudeus na Áustria. Ouviram sobre Kristallnacht, na Alemanha, em que gangues de nazistas violentos vagueavam nos bairros judeus, quebrando janelas de casas e lojas, queimando sinagogas e batendo nas pessoas no meio da rua.

– Isso não pode acontecer aqui, pode? – sussurrou Hana ao irmão.

– Shh! – disse George. – Se falarmos agora, eles irão nos ouvir e vão nos mandar para a cama.

Numa noite, o Sr. Rott, um vizinho, apresentou uma ideia que chocou a todos os adultos.

– Podemos sentir que a guerra se aproxima – começou a falar. – Não é seguro que os judeus continuem aqui. Todos nós devíamos deixar Nove Mesto, deixar a Tchecoslováquia. Ir para a América, para a Palestina, para o Canadá. Qualquer lugar. Temos de sair agora, antes que seja tarde demais.

O resto do grupo ficou paralisado.

– Você está louco, Sr. Rott? – perguntou uma das pessoas. – Aqui é o nosso lar. Temos de ficar aqui – e isso encerrou a discussão.

Apesar de todos os problemas, os Brady estavam determinados a comemorar a entrada do ano de 1939. Na noite da passagem do ano, depois de um banquete de peru, salsicha, salame e doces, as crianças se prepararam para o tradicional jogo de adivinhação do futuro. Hana, George e seus primos mais jovens das cidades vizinhas receberam metade de uma casca de noz, onde colocaram uma vela pequena. Uma grande bacia de água foi trazida até o meio da sala. Cada uma das crianças colocou ali seu barquinho de casca de noz. O barco de George, de onze anos, balançou na água, foi pra lá e pra cá, e finalmente parou, meio de lado. A vela continuava acesa. Hana, oito anos, colocou o dela e, por alguns momentos, o barquinho deslizou suavemente. Daí, balançou e virou de lado; a vela tocou a água e se apagou.

DESDE O DIA EM QUE A MALA chegara, Fumiko e as crianças ficaram atraídas por ela. Akira, de dez anos, que geralmente adorava brincar e provocar, perguntou como um órfão se sentia. Maiko, que era mais velha, adorava festas e era uma excelente atleta de nado sincronizado, sempre ficava muito quieta na presença da mala. O objeto fazia com que pensasse em como deveria ser ficar longe dos amigos.

A mala era o único objeto do Centro que tinha um nome. Pela data, Fumiko e as crianças calcularam que Hana devia ter treze anos quando foi enviada a Auschwitz.

– Um ano mais jovem do que eu – disse uma menina.

– A idade de minha irmã – disse Akira.

Fumiko escreveu de volta ao Museu de Auschwitz. Será que poderiam ajudá-la a descobrir alguma coisa sobre a menina dona daquela mala? Não, responderam eles. Sabiam tanto quanto ela. Fumiko deu a notícia para as crianças.

– Tente em algum outro lugar – suplicou Maiko.

– Não desista – disse Akira.

– Continue procurando – repetiam as crianças em coro, incentivando-a.

Fumiko prometeu que continuaria a busca.

Ela escreveu para Yad Vashem, o Museu do Holocausto em Israel. Não, nunca tinham ouvido falar numa menina chamada Hana Brady, escreveu o diretor. Você já tentou o Memorial do Holocausto, em Washington? Fumiko escreveu correndo uma carta para Washington, mas a resposta foi a mesma. Não temos nenhuma informação sobre uma menina chamada Hana Brady. Como isso era desanimador!

Então, de repente, do nada, Fumiko recebeu uma nota do museu de Auschwitz. Eles tinham descoberto algo. Tinham encontrado o nome de Hana numa lista. Estava escrito que Hana tinha chegado a Auschwitz vinda de um lugar chamado Theresienstadt.

NO DIA 15 DE MARÇO DE 1939, as tropas nazistas de Hitler tomaram o resto da Tchecoslováquia, e a vida da família Brady mudou para sempre. Os nazistas declararam que os judeus eram perversos, uma má influência, perigosos. Daquele tempo em diante, a família Brady e os outros judeus em Nove Mesto teriam de seguir algumas regras.

Os judeus podiam sair de casa apenas durante algumas horas. Podiam comprar apenas em algumas lojas e em determinados horários. Judeus não podiam viajar, então não podiam mais visitar seus queridos tios, tias e avós nas cidades próximas. Os Brady tiveram de declarar aos nazistas tudo o que possuíam: arte, joias, prataria e contas no banco. Eles apressadamente esconderam seus documentos mais preciosos embaixo do assoalho do sótão. A coleção de selos de Papai e a prataria da Mamãe estavam escondidas com gentis, amigos não judeus. Mas o rádio da família foi levado ao escritório central e “cedido” a um oficial nazista.

Um dia, Hana e George entraram na fila do cinema para assistir ao *Branca de Neve e os Sete Anões*. Quando chegaram ao guichê para comprar os ingressos, viram uma placa que dizia: “Judeus não são admitidos”. Com os rostos vermelhos e os olhos ardendo, Hana e George viraram de costas e voltaram para casa. Quando Hana entrou em casa, estava furiosa e chateada.



Hana e George deram forças um ao outro quando aumentaram as restrições nazistas.

– Por que isso está acontecendo conosco? Por que não posso ir ao cinema? Por que não posso simplesmente ignorar a placa? – Mamãe e Papai olharam um para o outro, desesperados. Não havia respostas simples.

Toda semana havia uma nova restrição. Judeus não podiam frequentar o parque de diversões. Nem os campos de esporte. Nem os parques públicos. Logo, Hana não podia mais ir ao ginásio. Até mesmo o lago em que esquiavam estava proibido. Suas amigas – todas gentis – no começo

também ficaram tão perplexas quanto Hana com as regras. Ainda se sentavam lado a lado na escola e aprontavam travessuras juntas dentro da classe e na hora do recreio.

– Ficaremos juntas para sempre, não importa o que aconteça – prometeu Maria, a melhor amiga de Hana. – Não vamos deixar que ninguém nos diga com quem vamos brincar!



A jovem Hana com seu pai.

Mas, aos poucos, conforme os meses se passavam, todas as colegas de Hana, inclusive Maria, pararam de visitá-la depois da escola e nos fins de semana. Os pais de Maria ordenaram que ela ficasse longe de Hana. Eles tinham medo de que a família toda fosse punida pelos nazistas por deixar que Maria fosse amiga de uma criança judia. Hana se sentia terrivelmente sozinha.

Com cada amigo perdido e a cada nova restrição, Hana e George sentiam que seu mundo ficava um pouco menor. Eles estavam bravos. Eles estavam tristes. E estavam frustrados.

– O que podemos fazer? – perguntaram aos pais. – Para onde podemos ir?

Mamãe e Papai fizeram o seu melhor para distrair as crianças, para ajudá-las a descobrir novas brincadeiras.

– Nós temos sorte – disse Mamãe –, porque temos um grande jardim. Vocês podem brincar de esconde-esconde. Podem balançar nas árvores. Podem inventar jogos. Podem brincar de detetive nos depósitos. Podem explorar a passagem secreta. Adivinhar charadas. Sejam gratos um pelo outro!

Hana e George eram gratos por terem um ao outro e também por brincarem juntos. Mas isso não aliviava a tristeza de não poderem mais fazer o que faziam antes nem ir àqueles lugares aonde costumavam ir. Num lindo dia de primavera, quando o sol brilhava, os dois sentaram no quintal, entediados, brincando com a grama. De repente, Hana começou a chorar.

– Não é justo! – gritou. – Eu odeio isso! Quero que tudo volte a ser como antes!

Arrancou um punhado de grama e jogou as folhas no ar. Olhou para o irmão. Sabia que ele estava tão triste quanto ela.

– Espere aqui – disse ele. – Eu tenho uma ideia.

Minutos depois, George estava de volta, com um bloco de papel, uma caneta, uma garrafa vazia e uma pá.

– Pra que tudo isso? – perguntou Hana.

– Talvez, se escrevermos todas as coisas chatas que estão acontecendo com a gente, fiquemos mais aliviados.

– Isso é bobagem – respondeu Hana. – Não vai trazer nem o parque nem a diversão de volta. E não trará Maria de volta.

Mas George insistiu. Ele era, no fim das contas, o irmão mais velho, e Hana não tinha nenhuma outra ideia. Então, nas horas seguintes, as crianças derramaram sua infelicidade no papel, George escrevendo e Hana falando. Fizeram listas das coisas que faziam falta e das coisas que os enfureciam. Fizeram listas de todas as coisas que fariam e de todos os lugares para onde iriam quando aqueles tempos terríveis acabassem.

Quando terminaram, George pegou as folhas de papel, enrolou-as num tubo, colocou-as dentro da garrafa e fechou com uma rolha. Então, os dois andaram até a casa, parando embaixo do balanço duplo. Ali, Hana cavou um grande buraco: seria aquele seu esconderijo da tristeza e da frustração. George colocou a garrafa dentro do buraco e Hana cobriu-a de terra. Quando acabaram, o mundo parecia um pouquinho mais claro e brilhante, pelo menos naquele dia.

Era difícil entender tudo o que estava acontecendo. Especialmente agora que o rádio da família tinha sido levado embora. Papai e Mamãe ouviam todas as noites, às oito horas, as

notícias vindas da Inglaterra, sobre os últimos avanços sinistros de Hitler. Mas os judeus não podiam mais sair de casa depois das oito. Ouvir o rádio era absolutamente proibido, e a penalidade por quebrar as regras era sempre muito severa. Todos tinham medo de ser presos.

Papai elaborou um plano, uma forma inteligente de burlar as regras nazistas. Ele pediu um favor ao seu velho amigo, o responsável pela torre do relógio. “Ele se importaria”, perguntou Papai, “de atrasar o relógio quinze minutos todas as tardes?”. Dessa forma, Papai conseguiria correr até o vizinho, ouvir as notícias e voltar para casa em segurança, antes que o sino desse oito badaladas (eram oito e quinze, na verdade). O guarda nazista que patrulhava a cidade nem imaginava que existia esse esquema. E Papai ficou exultante que havia funcionado. Infelizmente, as notícias que ele conseguiu ouvir no rádio eram ruins. Na verdade, eram péssimas. Os nazistas ganhavam todas as batalhas e avançavam em todas as frentes.



Hana e George.

THERESIENSTADT. Agora, Fumiko e as crianças sabiam que Hana tinha chegado a Auschwitz vinda de Theresienstadt. Fumiko estava entusiasmada. Era a primeira pista sólida que tinham sobre Hana.

Theresienstadt era o nome que os nazistas deram à cidade tcheca de Terezin. Era uma linda cidadezinha, com dois fortes imponentes, construídos em meados de 1800 para abrigar prisioneiros políticos e de guerra. Depois que os nazistas invadiram a Tchecoslováquia, transformaram Terezin no Gueto de Theresienstadt: uma prisão murada, vigiada e hiperlotada que agora havia se transformado no lar dos judeus que foram obrigados a deixar suas casas. Durante a II Guerra Mundial, mais de cento e quarenta mil judeus foram enviados para lá – quinze mil deles eram crianças.

Fumiko ficou até tarde naquela noite, a luz do escritório iluminando o Centro escuro, lendo tudo o que pôde encontrar sobre Theresienstadt.

Ela ficou sabendo de todas as coisas horríveis que aconteceram em Theresienstadt e que, com o passar dos anos, quase todos os moradores do gueto foram deportados novamente, colocados em trens e enviados para os mais terríveis campos de concentração ao leste, onde ficavam os campos de extermínio.

Mas Fumiko também soube que houve casos de bravura e heroísmo em Theresienstadt. Entre os adultos, estavam pessoas muito especiais: grandes artistas, músicos famosos, historiadores, filósofos, estilistas e sociólogos. Todos estavam em Theresienstadt porque eram judeus. Uma infinidade de talentos, capacidade e conhecimento amontoados dentro dos muros do gueto. Bem debaixo do nariz dos nazistas e correndo um grande risco, os prisioneiros planejaram secretamente um elaborado esquema de ensino, aprendizado, produção e apresentações para crianças e adultos. Estavam determinados a não deixar os alunos esquecerem que – apesar da guerra, apesar dos arredores acinzentados e alojamentos apertados, apesar de tudo – o mundo era um lugar de beleza e cada um podia contribuir com a sua parte.

Fumiko também descobriu que, em Theresienstadt, as crianças tinham aulas de desenho e pintura. E, miraculosamente, quatro mil e quinhentos desenhos dessas crianças sobreviveram à guerra. O coração de Fumiko disparou. Será que, entre esses desenhos, existiria algum de Hana Brady?

8
NOVE MESTO,
OUTONO DE 1940 – PRIMAVERA DE 1941

O OUTONO TROUXE UM VENTO FRIO, além de mais restrições e rigidez.

Hana estava prestes a começar a terceira série quando os nazistas anunciaram que crianças judias não podiam mais ir à escola.

– Agora, nunca mais poderei ver meus amigos! – choramingou Hana, quando seus pais lhe deram a má notícia. – Agora, não poderei mais ser uma professora, quando crescer!

Ela sempre sonhou em ficar em pé diante da classe e fazer com que todos ouvissem atentamente os seus ensinamentos.

Mamãe e Papai estavam determinados a fazer com que seus filhos continuassem a estudar. Por sorte, tinham dinheiro suficiente para contratar uma professora particular, que morava numa vila próxima, para dar aulas à Hana, e também um professor refugiado para ensinar George.

Mamãe tentava ficar alegre.

– Bom dia, Hana! – cantava todo dia quando o sol raiava. – Está na hora do café. Você não vai querer chegar atrasada na “escola”, vai?

Todas as manhãs, Hana encontrava-se com sua professora na mesa da sala de jantar. Ela era uma mulher bondosa e fazia o possível para encorajar Hana com a leitura, a redação e as contas. Ela levava uma pequena lousa, que ficava apoiada numa cadeira. De vez em quando, deixava Hana escrever com giz na lousa e limpar o apagador nos arbustos. Mas, nessa escola, não havia colegas, nem brincadeiras, nem recreio. Hana achava difícil prestar atenção ou ficar concentrada nas lições. Na escuridão do inverno, o mundo parecia se fechar em torno da família Brady.

De fato, quando a primavera chegou, um desastre se abateu sobre a família. Em março de 1941, Mamãe foi presa pela Gestapo, a temida polícia secreta de Hitler.

Chegou uma carta, ordenando que Mamãe comparecesse às nove horas da manhã no quartel-general da Gestapo em Iglau, uma cidade próxima. Para que chegasse lá na hora, ela teria de sair no meio da noite. Tinha apenas um dia para organizar todas as suas coisas e se despedir da família.

Ela chamou Hana e George na sala de estar, sentou-se no sofá e puxou as crianças para junto de si. Disse que tinha de viajar por um tempo. Hana deu um abraço apertado na mãe.

– Vocês têm de ser bonzinhos enquanto eu estiver fora – disse ela. – Prestem atenção ao Papai e obedeçam-no. Eu escreverei – prometeu. – Vocês vão escrever para mim?

George olhou para baixo. Hana tremeu. As crianças estavam chocadas demais para responder. Nunca tinham ficado longe da mãe.

Quando Mamãe colocou Hana na cama naquela noite, ela abraçou a filha com força. Correu os dedos pelos cabelos de Hana, do mesmo jeito que fazia quando Hana era pequena. E cantou a canção de ninar favorita da filha, várias vezes. Hana adormeceu com os braços em volta do pescoço da mãe. De manhã, quando Hana acordou, Mamãe tinha ido embora.



Hana, sua mãe e George em tempos felizes.

FUMIKO NÃO CONSEGUIA ACREDITAR no que via quando recebeu um pacote no seu escritório no Japão. Apenas algumas semanas antes, ela escrevera para o Museu do Gueto de Terezin, onde hoje é a República Tcheca. Fumiko explicara na carta que as crianças e ela estavam muito ansiosas para descobrir qualquer coisa que as deixasse mais próximas de Hana. As pessoas ali tinham dito que não sabiam nada a respeito da história pessoal de Hana. Mas sabiam da extensa coleção de desenhos das crianças, que tinha ficado escondida no campo. Muitos daqueles desenhos agora estavam expostos no Museu Judeu de Praga.

Fumiko abriu o pacote. Estava tão ansiosa que suas mãos tremiam. Havia fotografias de cinco desenhos. Uma era a foto de um desenho colorido de um jardim e um banco de parque. Outra mostrava um piquenique ao lado de um rio. As outras foram feitas com carvão e lápis: uma árvore, feno sendo posto para secar numa fazenda e pessoas carregando malas, descendo de um trem. No alto da página, à direita de cada um dos desenhos, estava o nome “Hana Brady”.



Um dos desenhos que Hana fez em Theresienstadt.

POR TER PROMETIDO À MÃE, Hana fez o melhor que pôde para se comportar bem. Ajudava seu pai quando podia e fazia todas as lições. Boshka, a querida empregada da casa, cozinhava os pratos favoritos de Hana e lhe dava porções generosas de sobremesa. Mas Hana sentia uma falta terrível de sua mãe, especialmente à noite. Ninguém mais conseguia alisar seu cabelo do jeito que Mamãe fazia. Ninguém conseguia cantar tão bem sua canção de ninar. E aquela risada gostosa que ecoava pela casa – disso, todos sentiam falta.

As crianças ficaram sabendo que sua mãe havia sido levada para um lugar chamado Ravensbrück, um campo de concentração para mulheres na Alemanha.

– É muito longe? – perguntou Hana ao pai.

– Quando ela vai voltar para casa? – quis saber George.

Papai assegurou às crianças que estava fazendo o possível para tirá-la de lá e trazê-la de volta.

Um dia, Hana estava lendo no seu quarto quando ouviu Boshka chamar por ela. Hana fingiu não ouvir. Não estava a fim de fazer nada. E o que mais importava? Boshka continuou chamando.

– Hana! Hana! Onde está você? Venha rápido! Tem algo muito especial esperando por você no posto dos correios!

Quando ouviu aquilo, Hana deixou seu livro cair. Podia ser aquilo que mais esperava? Saiu batendo a porta de casa e correu até o posto dos correios, no fim da rua. Hana se aproximou do guichê.

– Tem alguma coisa para mim? – perguntou.

A mulher do lado de dentro empurrou um pequeno pacote marrom pelo buraco de vidro. Hana sentiu seu coração pular quando reconheceu a caligrafia da mãe. Seus dedos tremeram enquanto abria o pacote. Dentro dele, estava um pequeno coração marrom. Era feito de pão e tinha as iniciais “HB” esculpidas. Junto com o presente, havia uma carta.

Minha querida, desejo toda a felicidade em seu aniversário. Sinto muito por não poder ajudá-la a apagar as velas este ano. Mas o coração é um pingente que eu fiz para a sua pulseira. Suas roupas estão ficando pequenas para você? Peça ao Papai e ao George que falem com suas tias para fazerem roupas novas para minha garotona. Eu penso em você e no seu irmão o tempo todo. Estou bem. Está sendo uma boa menina? Vai escrever para mim? Espero que você e George continuem estudando. Estou bem. Tenho muitas saudades, minha querida Hanichka. Mando beijos agora

Amor, Mamãe – Maio, 1941. Ravensbrück

Hana fechou os olhos e apertou o pequeno coração de pão entre as mãos. Ela imaginou que a mãe estava ali, ao seu lado.

O outono trouxe outro golpe. Um dia, Papai chegou em casa carregando três quadrados de pano. Em cada um, havia uma estrela de Davi amarela, e no meio dela a palavra “Jude”: Judeu.



Os presentes feitos de pão que a mãe de Hana enviou à família depois de ter sido levada embora.

– Venham, crianças – disse Papai, enquanto pegava uma tesoura na gaveta da cozinha. – Precisamos recortar estas estrelas e alfinetá-las em nossos casacos. Temos de usá-las todas as vezes que sairmos de casa.

– Por quê? – perguntou Hana. – As pessoas já sabem que somos judeus.

– É o que precisamos fazer – respondeu Papai. Ele estava tão abatido, triste e cansado que George e Hana não discutiram.

Desse dia em diante, Hana não saía mais de casa com tanta frequência. Ela fazia qualquer coisa para evitar ser vista em público usando o emblema amarelo. Ela odiava aquela estrela. Era humilhante. Era constrangedor. Já não era suficiente, perguntavam-se as crianças, terem perdido o parque, o lago, a escola e os amigos? Mas, de agora em diante, quando saíssem de casa, a estrela estaria alfinetada em suas roupas.

Um homem judeu na cidade não estava disposto a obedecer. Já estava farto de todas as regras e restrições. Então, no fim do mês de setembro de 1941, saiu de casa, desafiadoramente. Ele não havia recortado a estrela e colocou o quadrado todo afixado em seu casaco. Esse pequeno ato de rebelião foi imediatamente percebido pelo oficial nazista encarregado de Nove Mesto. Ele ficou furioso. Declarou que Nove Mesto deveria ficar Judenfrei, livre dos judeus, imediatamente.

Na manhã seguinte, um grande carro preto dirigido por um oficial nazista parou em frente à casa dos Brady. Quatro homens judeus amedrontados amontoavam-se dentro do carro. Bateram na porta. Papai abriu-a. Hana e George abraçavam-se atrás dele. O oficial da Gestapo berrou para Papai sair imediatamente. Hana e George não conseguiam acreditar no que ouviam. Ficaram lá, chocados, petrificados pelo medo e em silêncio. Papai abraçou as crianças, implorou que elas fossem corajosas. E, então, ele também foi embora.



Judeus eram obrigados a usar estrelas de pano amarelo sempre que saíssem de casa.

11
TÓQUIO,
PRIMAVERA DE 2000

FUMIKO ESTAVA ENCANTADA com os desenhos de Hana. Sabia que ajudariam as crianças a conhecer melhor quem tinha sido a menina. Seria mais fácil para as crianças colocarem-se no lugar dela. Fumiko estava certa.

19/4 1944 IV skypina | Bana 200



Outro desenho de Hana, vindo de Theresienstadt.

Mais do que nunca, as crianças voluntárias do Centro interessavam-se por Hana. Lideradas por Maiko, algumas formaram um grupo que tinha como missão contar a outras crianças o que tinham visto. Elas chamavam esse grupo de “Pequenas Asas”. Uma vez por mês, elas se reuniam para planejar o jornalzinho. Todos tinham uma tarefa: as crianças mais velhas escreviam os artigos; as mais jovens desenhavam e algumas escreviam poemas. Com a ajuda de Fumiko, mandavam seu jornalzinho para escolas da região e outras mais longe, para que todos ficassem sabendo o que tinham descoberto sobre a história do Holocausto e da busca por Hana.

Mais do que nunca, as crianças queriam saber como era Hana. Desejavam ver o rosto dessa menina, cuja história queriam ansiosamente saber. Fumiko percebeu que, se achasse uma foto de Hana, tornaria a menina muito mais viva para as crianças: um ser humano real. Fumiko estava determinada a continuar a busca.

Agora que Fumiko tinha os desenhos, uma meia, um sapato, o casaco e, claro, a mala de Hana, ela sentiu que era a hora de abrir a exposição em que estava trabalhando: “O Holocausto visto pelos olhos das crianças”.



O “Pequenas Asas”.

12
NOVE MESTO,
INVERNO DE 1941-42

AGORA, ERAM APENAS AS DUAS CRIANÇAS. Sem os pais. George colocou o braço nos ombros de sua irmã de dez anos e prometeu cuidar dela. Boshka, a empregada, tentou distraí-los com doces e conversas ternas. Não funcionou. As crianças estavam tristes, e todos, muito assustados.

Horas depois de o pai ter sido levado, bateram novamente na porta. O coração de Hana disparou. George engoliu em seco. Quem viriam pegar agora? Mas, quando abriram a porta, viram Tio Ludvik, o querido Tio Ludvik.

– Acabei de saber – disse ele, abraçando Hana com um braço e George com o outro. – Vocês dois vêm comigo. Vocês devem ficar com sua família, com as pessoas que os amam.

Tio Ludvik era cristão e tinha se casado com a irmã de Papai. Não sendo judeu, não era alvo dos nazistas. Mas ele era corajoso em ficar com George e Hana. A Gestapo já havia avisado que as pessoas que ajudassem judeus seriam punidas severamente.

Tio Ludvik disse às crianças que pegassem suas coisas mais preciosas. Hana pegou sua boneca do tamanho de uma criança de verdade chamada Nana, que estava com ela desde que tinha cinco anos. George pegou todas as fotografias da família. Cada um deles encheu uma mala. Hana escolheu uma mala marrom, grande, que já havia usado em viagens com a família. Ela adorava o forro de bolinhas. Quando terminaram de arrumar as malas, apagaram a luz e fecharam a porta sem olhar para trás.



Uma jovem Hana com George e sua boneca, Nana, que era quase tão grande quanto a dona.

Naquela noite, a tia e o tio de Hana colocaram-na numa grande cama, coberta com uma colcha de penas.

– Vamos cuidar de vocês até seus pais voltarem, Hana – prometeram. – E estaremos no andar de baixo, se você acordar no meio da noite.

Mesmo tendo passado muito tempo depois que as luzes foram apagadas, Hana continuava acordada, piscando naquela escuridão estranha. Era uma cama estranha. E o mundo – agora um lugar perigoso – parecia ter virado de cabeça para baixo. “O que virá a seguir?”, pensou Hana, com medo. Finalmente, conseguiu fechar os olhos e dormir.

Hana acordou de manhã com latidos desesperados embaixo da janela. Seu coração acelerou. Será que estava certa? Então, reconheceu o som. Era Sylvia, a leal cadela borzoi. Sozinha, tinha encontrado o caminho até Hana e George. “Pelo menos, alguns amigos”, pensou Hana, “pelo menos, alguns amigos continuam leais.” Era um pequeno conforto.



Hana, George e a borzoi Sylvia.

A casa de Tia Hedda e Tio Ludvik era pequena, mas confortável, com um lindo jardimzinho nos fundos. Era bem perto da escola. Todos os dias, Hana e George viam as crianças passando com suas mochilas, rindo e brincando, a caminho da escola.

– Eu quero ir também! – Hana batia o pé no chão, frustrada e magoada.

Mas não havia nada que pudessem fazer.

Nos meses que se seguiram, Tio Ludvik e Tia Hedda fizeram o possível para que as crianças ficassem ocupadas. George cortava madeira por horas. Hana lia e jogava. Seus primos, Vera e Jiri, gostavam muito dela. Às vezes, até iam juntos para a igreja.



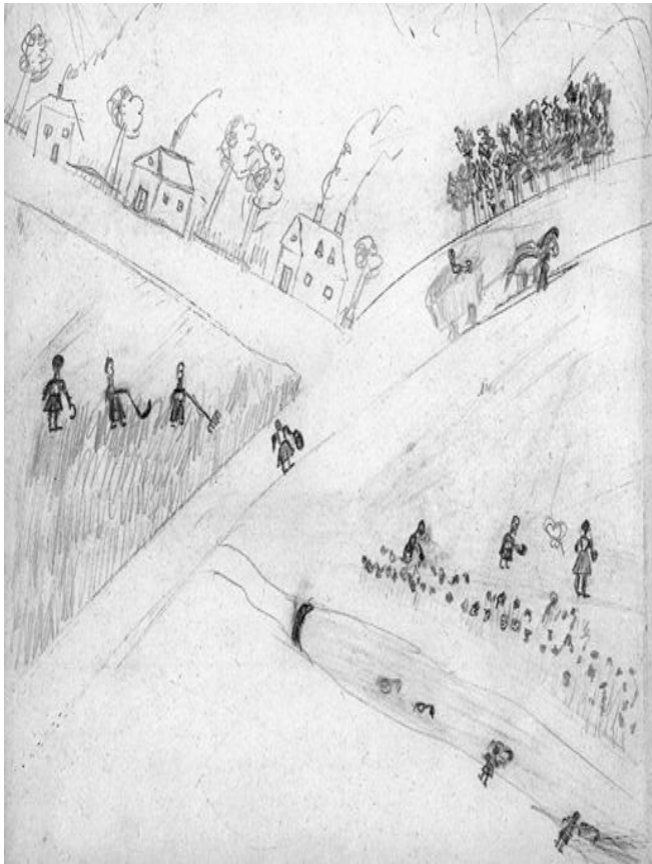
Hana e seu querido e corajoso Tio Ludvik

Todos os dias na hora do almoço, Hana e George iam para casa, comer a comida de Boshka, que adorava mimar as crianças. Ela os abraçava, beijava e lembrava que havia prometido aos pais deles que ia cuidar muito bem da alimentação dos dois, para que ficassem saudáveis.



Hana e George ajudando nos campos.

A cada duas ou três semanas, chegava uma carta de Papai, que estava na prisão da Gestapo em Iglau. George lia apenas a parte feliz da carta para a irmã. Ele achava que a irmã era jovem demais para saber toda a verdade sobre as condições terríveis das prisões e sobre como Papai estava desesperado para sair. Hana, porém, não era jovem demais para ser deportada pelos nazistas.



Mais tarde, em Theresienstadt, Hana fez esse desenho das pessoas trabalhando nos campos.

UM DIA, UMA NOTÍCIA CHEGOU À CASA da Tia Hedda e do Tio Ludvik. Hana e George Brady tinham de se apresentar no centro de deportação em Trebic, a quinze quilômetros de Nove Mesto, no dia 14 de maio de 1942. Era isso o que Tio Ludvik temia. Ele chamou as crianças ao seu escritório e leu a carta para elas. Então, tentou dar a notícia da melhor forma possível.

– Vocês vão viajar – disse ele. – Juntos! Vocês vão para um lugar onde há muitos outros judeus e muitas crianças para brincar. Talvez nem precisem usar a estrela!

Eles não disseram nada. Estavam tristes por deixar os tios.

Hana estava com medo. Quando Boshka veio ajudá-los a arrumar as malas para a viagem, Hana encheu-a de perguntas.

– Onde estão nossos pais? Quando vamos vê-los de novo? Para onde estamos indo? O que podemos levar conosco?

Boshka não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas. Apenas abraçou Hana e disse que também estava indo embora de Nove Mesto para viver com um irmão numa fazenda.

Hana pegou a grande mala marrom com o forro de bolinhas debaixo da cama. Apanhou um saco de dormir que lhe recordava os bons tempos em casa, mesmo longe dela. George também pegou o seu. Enfiaram salame e açúcar entre as roupas, além de algumas lembranças.

JUDISCHE KULTUSGEMEINDE IN PRAG
 ŽIDOVSKÁ NÁBOŽENSKÁ OBEC V PRAZE

Herrn, Frau, Fräulein
 Pan, paní, slečna

Grady Hanna

100.436

Kruskall Y.H.

13

Diese Vorladung ist mit Genehmigung der Zentralstelle für jüdische Auswanderung Prag (Dienststelle des Befehlshabers der Sicherheitspolizei beim Reichsprotector in Böhmen und Mähren) als Reisegenehmigung ausgestellt.

Über Weisung der Zentralstelle für jüdische Auswanderung Prag haben Sie sich

Tato státní platí za cestovní povolení na základě schválení Zentralstelle für jüdische Auswanderung Prag (Dienststelle des Befehlshabers der Sicherheitspolizei beim Reichsprotector in Böhmen und Mähren).

Z nářadí Zentralstelle für jüdische Auswanderung Prag dostává se

an - dne *30. IV. 1942*

um - v *10* Uhr - hod.

in - do *Třebitz*

einfinden.

Jede vorgelebene Person hat mitzubringen

1. Geburtschein,
2. Bürgerregistration (Kerarkarte oder einem anderen Beleg über die Staatsbürgerschaft),
3. diese Vorladung.

Neben diesen Personaldokumenten hat jede Person sämtliche Lebensmittelpässe mitzubringen.

Každá předvolaná osoba přinese z sebou

1. rodný list,
2. občanskou registraci (prátek totožnosti nebo jiný úřední doklad o státní příslušnosti),
3. toto předvolání.

Kromě těchto osobních dokladů, přinese každá osoba všechny potravinové listky z sebou.

Um die vorgeschriebene Vorladungsstunde einhalten zu können, werden Sie den

29.4.42

um - v *18:03* Uhr - hod.

von - *Kruskall Y.H. n. b. Sp. Pr.*

Abgabe doch[e]ll[e]s] hodina, na kterou jste byl[a] předvolán[a], použijete vlaku, který odjíždí

abgehenden Zug benutzen.

Zur Rückreise müssen Sie, den

um - v *16:38* Uhr - hod.

K návratu musíte nastoupit do vlaku, který opouští

von Vorladungsort abgehenden Zug benutzen.

místo předvolání.

Kinder bis zu 4 Jahren müssen nicht persönlich erscheinen, doch müssen ihre Eltern oder verantwortl. Aufsicher, sowohl die Personaldokumente, als auch diese Vorladung und die Lebensmittelpässe vorlegen. Kranke und alte Personen, die nicht persönlich erscheinen können, müssen neben allen Dokumenten ein ärztliches Zeugnis vorlegen lassen. Dieses Zeugnis muß eine genaue Diagnose der Krankheit enthalten.

Děti do 4 let se osobně dostavit, avšak jejich rodiče nebo jejich zodp. dozorce musí předložit jak jejich osobní doklady, tak i toto předvolání a všechny potravinové listky. Nemocní a staří osoby, které se osobně dostavit, dají se sebe předložit všechny doklady a mimo to vyvěřovací úřední lékař. Toto vyvěřovací musí obsahovat přesnou diagnózu nemoci.

JUDISCHE KULTUSGEMEINDE IN PRAG
 ŽIDOVSKÁ NÁBOŽENSKÁ OBEC V PRAZE



Este documento ordena que Hana seja deportada da casa dos tios no dia 30 de abril de 1942. Na verdade, ela foi enviada a Theresienstadt no dia 14 de maio.

Tio Ludvik estava arrasado por ter de mandar seus sobrinhos para longe. Ele pediu um táxi para levá-los até o centro de deportação. Ele mesmo não conseguiria. Ele e a esposa fizeram o possível para conter as lágrimas, quando se despediram de Hana e George. Prometeram esperar por eles em Nove Mesto quando a guerra tivesse acabado. Quando o motorista balançou o sino e os cavalos se puseram a caminho, ninguém disse uma palavra.

Algumas horas mais tarde, o motorista deixou Hana e George em frente a um grande depósito. Eles entraram na fila que se formava na porta. Quando chegaram no guichê de registro, deram seus nomes para um soldado carrancudo. Ele os mandou para dentro de um prédio escuro e abafado.

O chão dentro do prédio estava coberto de colchões. Hana e George acharam dois colchões juntos numa esquina e se sentaram. Quando olharam em volta, perceberam que quase não havia crianças. Mas havia centenas de homens e mulheres judeus, esperando para serem enviados a um lugar chamado Theresienstadt. Todos estavam sendo deportados.

Por quatro dias e quatro noites, Hana e George ficaram no depósito, comendo a comida de suas malas e dormindo nos colchões no chão. Embora alguns adultos tentassem ser bondosos com as crianças, Hana e George não queriam companhia. Eles tinham um ao outro e passavam o tempo lendo, conversando, dormindo ou pensando em seu lar. Foi dentro desse depósito, em 16 de maio de 1942, com alguns doces e um toco de vela, que Hana Brady comemorou seu aniversário de onze anos.

A EXPOSIÇÃO “O HOLOCAUSTO VISTO PELOS OLHOS DAS CRIANÇAS” atraía mais visitantes, adultos e crianças, do que Fumiko jamais sonhara. A história do Holocausto era nova para a maioria das pessoas que vinham ao museu. Como Fumiko acreditara, aqueles objetos e toda a história por detrás deles tornaram a tragédia real.

Embora houvesse interesse pelo sapato, pela lata de gás Zyklon B e pela pequena blusa, era a mala que mais atraía a atenção. Crianças e adultos frequentemente se reuniam em volta da mala para ler a inscrição “Hana Brady, 16 de maio de 1931, Waisenkind – órfã”. Liam os poemas escritos pelos membros do “Pequenas Asas”. E admiravam os desenhos de Hana, feitos em Theresienstadt.

– Vocês sabem mais alguma coisa sobre ela? – perguntavam. – O que aconteceu com ela? Como ela era?

Fumiko decidiu dobrar os esforços para encontrar uma foto de Hana. Em algum lugar devia existir alguém disposto a ajudar. Fumiko escreveu novamente para o Museu do Gueto de Terezin. A resposta veio: “Já dissemos que não sabemos nada sobre uma menina chamada Hana Brady”.

Fumiko não conseguia aceitar essa resposta. Decidiu, então, ir pessoalmente a Terezin.

15
CENTRO DE DEPORTAÇÃO,
MAIO DE 1942

NA MANHÃ DO QUARTO DIA, ouviu-se um apito alto, e um soldado nazista entrou marchando no depósito. Hana e George se encolheram no canto, enquanto ele berrava as ordens.

– Todos devem estar na estação de trem em uma hora. Cada pessoa só pode levar uma mala. Vinte e cinco quilos. Nem um grama a mais. Formem filas. Não conversem. Cumpram as ordens!

A voz era tão áspera, tão amedrontadora! Hana e George rapidamente arrumaram suas malas. Os adultos tentaram ajudar, certificando-se de que as crianças estariam prontas. “Coitadinhos”, pensavam. “Uma jornada tão difícil e sozinhos, sem os pais.”

Sob o olhar ameaçador dos soldados, todos deixaram o depósito numa fila única e formaram filas na plataforma da estação. Da luz brilhante da manhã, Hana e George entraram na escuridão do trem, carregando suas malas. Mais pessoas foram enfiadas dentro do vagão, até que ficasse lotado. Então, as portas foram fechadas e o trem começou a andar.

THERESIENSTADT. O nome que os nazistas deram à cidade tcheca de Terezin. Fumiko sabia que, para resolver o mistério da mala de Hana, precisava ir até lá. Mas como? A República Tcheca ficava a milhares de quilômetros do Japão, e uma passagem de avião ia custar caro. E Fumiko não tinha esse dinheiro.

Mas, dessa vez, a sorte estava ao seu lado. Fumiko foi convidada para participar de uma conferência sobre o Holocausto na Inglaterra. Dali, seria uma viagem curta de avião até Praga, capital da República Tcheca. E Terezin ficava a apenas duas horas de carro de Praga. Fumiko não conseguia conter a ansiedade para partir.

Na manhã de 11 de julho de 2000, Fumiko saiu do ônibus na praça principal de Terezin. À primeira vista, parecia uma cidade qualquer. Havia ruas largas cercadas por árvores e casas de três andares muito conservadas, com floreiras nas janelas. Por um momento, Fumiko esqueceu-se de que tinha apenas um dia para cumprir sua missão. Naquela noite, teria de voltar para Praga. Seu voo para o Japão sairia na manhã do dia seguinte.

Fumiko não havia marcado nada. Não havia nenhuma reunião planejada. Mas diretamente da praça principal pôde avistar um longo prédio de dois andares, pintado de amarelo. Era o Museu do Gueto de Terezin.



Fumiko foi até a Terezín dos dias de hoje.

Fumiko abriu a grande porta da frente e entrou na recepção fria. Estava tudo muito quieto. Onde estariam todos? Ela olhou dentro de alguns escritórios próximos à entrada principal. Estavam vazios. Parecia não haver ninguém no prédio.

“O que aconteceu?”, pensou Fumiko. “Será que é horário de almoço? Não, são dez horas da manhã.” Fumiko voltou para a praça e cutucou o ombro de um homem simpático que estava

sentado num banco.

– Você pode me ajudar? – perguntou ela. – Estou procurando alguém do museu.

– Oh, hoje você não vai achar ninguém, minha jovem. É feriado e todas as pessoas que trabalham ali estão de folga – respondeu o homem. – Acho que você está sem sorte.

A VIAGEM FOI CALMA, SEM SURPRESAS. As pessoas ficavam perdidas em pensamentos e no medo do futuro. Então, o trem parou abruptamente. As portas foram abertas violentamente e os aterrorizados passageiros próximos às portas podiam ver o cartaz: Estação Bohusovic. Hana apertou os olhos por causa do sol, quando desceu do trem com seu irmão e sua mala. Ali, foram avisados de que deveriam andar até a fortaleza de Theresienstadt.

Tratava-se de apenas alguns quilômetros, mas as malas eram grandes e pesadas. “Será que devemos deixar alguma coisa pelo caminho”, pensaram Hana e George, “para aliviar o peso?” Não, tudo o que tinham nas malas era precioso demais: eram as únicas recordações do lar e da vida que tiveram. George carregava uma mala. A outra, puseram num carrinho, puxado por prisioneiros.

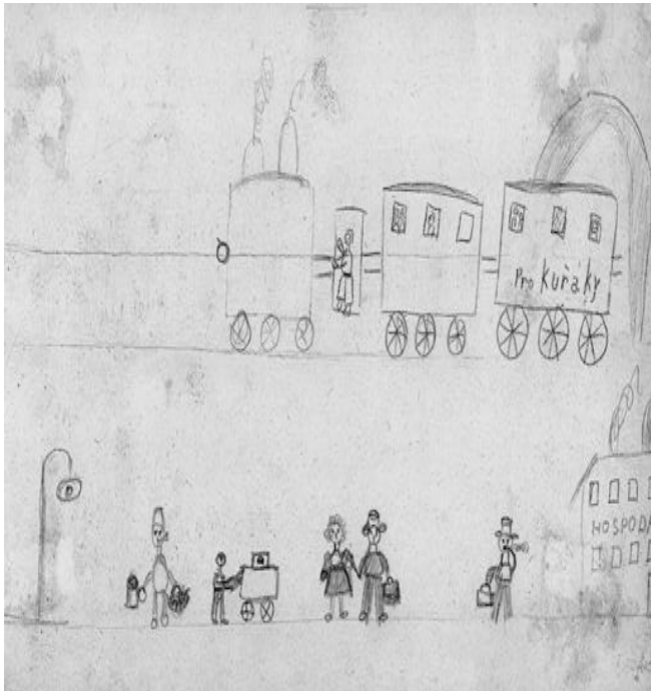
Hana e George se aproximaram da entrada da fortaleza murada e ficaram na fila. Todos estavam usando uma estrela amarela.

No começo da fila, um soldado perguntava o nome, a idade e o local de nascimento. Garotos e homens iam numa direção, meninas e mulheres, em outra.

– Para onde eles vão? – Hana perguntou a George, com medo de ficar separada do irmão. – Posso ficar com você? – implorou.

– Fique quieta, Hana! – disse George. – Não faça escândalo.

Quando chegaram na frente da fila, o soldado os encarou.



O desenho mostra as pessoas saindo do trem em Theresienstadt.

– Onde estão seus pais? – quis saber.

– Eles estão... hum... em outro... hum... campo – gaguejou George. – Espero que possamos nos encontrar todos aqui.

O soldado não queria conversa. Escreveu os nomes em cartões e procurou joias e dinheiro dentro de suas malas. Então, fechou as malas com violência.

– Para a esquerda! – disse, ordenando a George. – Para a direita! – ordenou a Hana.

– Por favor, posso ficar com meu irmão? – pediu Hana.

– Mexam-se! Agora! – ordenou o soldado.

Tinha acontecido o que Hana mais temia. George deu um abraço rápido na irmã.

– Não se preocupe – disse ele. – Vou encontrá-la o mais rápido possível.

Lutando para não chorar, Hana pegou sua mala e seguiu as outras meninas até o Kinderheim (casa das crianças) L410: um amplo barracão que seria seu lar durante os próximos dois anos.

FUMIKO NÃO PODIA ACREDITAR. Estava muito chateada consigo mesma e com sua falta de sorte. Tinha chegado até ali e todos que podiam ajudá-la estavam de folga. “Como fui escolher justo hoje para visitar o Museu de Terezin? Como pude ser tão estúpida?”, pensou. “O que vou fazer agora?”

Enquanto o sol esquentava-lhe o corpo, uma lágrima de frustração rolou pelo seu rosto. Decidiu voltar ao museu e recompor-se. Talvez conseguisse pensar num plano alternativo.

Quando se sentou num banco em frente à recepção, ouviu um barulho. Parecia vir de um dos escritórios no final do corredor. Ali, no último escritório à direita, encontrou uma mulher com óculos na ponta do nariz, examinando um enorme bloco de papéis.

Assustada, a mulher quase caiu da cadeira quando viu Fumiko.

– Quem é você? – perguntou. – O que você está fazendo aqui? O museu está fechado.

– Meu nome é Fumiko Ishioka – respondeu. – Eu vim lá do Japão para encontrar informações sobre uma garotinha que viveu aqui em Theresienstadt. Temos a mala dela em nosso museu em Tóquio.

– Volte outro dia – respondeu a mulher, educadamente – e alguém irá ajudá-la.

– Eu não tenho outro dia – exclamou Fumiko. – Meu voo para o Japão sai amanhã de manhã. Por favor! – implorou. – Ajude-me a encontrar Hana Brady!

A mulher tirou os óculos. Encarou a jovem japonesa e percebeu como ela estava ansiosa e determinada. A mulher tcheca suspirou.

– Tudo bem – disse ela. – Não posso prometer nada, mas vou tentar ajudá-la. Meu nome é Ludmila.

KINDERHEIM L410 ERA UM PRÉDIO LARGO com mais ou menos dez dormitórios. Vinte meninas dormiam em cada quarto, em colchões de palha colocados em beliches de três andares. Antes da guerra, cinco mil pessoas moravam na cidade. Os nazistas amontoaram três vezes esse número de prisioneiros no mesmo espaço.

Nunca tinha espaço suficiente, nunca tinha comida suficiente, não havia um momento de privacidade. Havia pessoas demais, muitas baratas e ratos, e muitos nazistas para patrulhar o campo com uma disciplina cruel.

No começo, Hana, por ser jovem demais, não era autorizada a deixar o prédio. Isso significava não ver George. Ele vivia no Kinderheim L417, que era só para meninos, a algumas quadras dali. Hana sentia uma saudade terrível do irmão, e constantemente procurava notícias dele por intermédio das meninas mais velhas, que podiam ir para fora. Elas acolheram Hana. Sentiam pena dela, sozinha no mundo, sem pai nem mãe e longe do irmão.

Hana ficou amiga de uma menina mais velha, que dormia na cama ao lado. Ella era baixinha, tinha a pele escura e era muito animada. Sempre tinha uma risada pronta e estava feliz por ficar com Hana a maior parte do tempo: assim podia servir de exemplo e confortá-la em situações difíceis.

O homem que distribuía os cupons de alimentação também gostou de Hana e se preocupava com sua saúde. Ele sabia que Hana estava sempre com fome. Ele se prontificou a “roubar” alguns cupons extras – uma tigela a mais da sopa aguada ou uma fatia a mais de pão preto. O estômago de Hana roncava e sua boca salivava com a perspectiva de mais comida. Mas toda vez que mais comida lhe era oferecida, ela educadamente recusava. Tinha sido avisada por Ella e pelas meninas mais velhas que estaria em maus lençóis se os guardas a pegassem infringindo uma regra.

Arrancadas de suas famílias, amontoadas em espaços pequenos, quase sem comida, as garotas estavam determinadas a tentar ver sempre o melhor lado da situação. As que tinham mais de quinze anos trabalhavam no jardim, onde frutas, vegetais e flores cresciam para os soldados nazistas. De vez em quando, o Sr. Schwartzbart, que administrava o jardim, permitia que Hana viesse com o grupo de trabalho e aproveitasse o sol e o ar fresco. Hana adorava trabalhar no jardim com as meninas mais velhas. E ainda havia outra vantagem: uma vagem aqui, um morango ali, sempre se dava um jeito para fazer uma “boquinha”.

Mas na maior parte do tempo Hana tinha de ficar com meninas de sua idade ou mais novas e obedecer ao supervisor designado para o seu quarto. Todos os dias, elas limpavam, tiravam o pó e varriam embaixo das camas. As louças, assim como os rostos, eram lavados debaixo de uma bomba d'água. Todos os dias, havia aulas secretas no sótão do Kinderheim L410.

Nas aulas de música, as meninas aprendiam canções. Elas cantavam baixinho, para não serem ouvidas pelos guardas. No final de cada aula, uma criança era escolhida para cantar sua canção favorita de quando estava em casa. Quando chegava a vez de Hana, ela sempre cantava “Stonozka” – a Canção da Centopeia.

*Sua vida não é mole
Imagine como sofre
Quando tem que andar a pé
E cada um de seus pezinhos
Fica dolorido até
Ela tem razão em reclamar.
Quando eu quero chorar
Penso logo na centopeia:
Se tivesse que andar como ela
Ia ficar bem dolorida!
Minha vida, e não a dela,
É que é bem divertida!*

Havia, também, aulas de corte e costura. Hana nunca tinha dado um ponto na vida e teve muita dificuldade em aprender a usar uma agulha. A professora sempre tinha de mandar Hana parar de rir quando errava alguma coisa. Mesmo assim, ela conseguiu acabar uma blusa azul da qual se orgulhava muito.

Mas a aula favorita de Hana era a de artes. Tintas e lápis de cor eram difíceis de conseguir. Algumas pessoas “contrabandearam” materiais para dentro do gueto em malas. O papel tinha sido roubado, com muito risco, dos depósitos nazistas.

Papel de embrulho era usado quando não havia outra coisa. De um jeito ou de outro, nos primeiros dias, sempre havia giz de cera e lápis de cor. O professor de artes, Friedl Dicker-Brandeis, tinha sido um famoso pintor e agora era um colega de prisão em Theresienstadt. Friedl ensinava coisas sérias aos alunos, tais como perspectiva e textura. E, às vezes, as garotas faziam desenhos de coisas sérias: os muros do gueto, as pessoas na fila da comida, prisioneiros sendo espancados por soldados nazistas.



Hana desenhou pessoas fazendo um piquenique embaixo do guarda-sol, perto de um rio.

Mais do que qualquer coisa, Friedl queria que suas aulas ajudassem as crianças a esquecer toda a brutalidade que as cercava, pelo menos por um tempo.

– Pensem em espaço – disse à Hana e às outras meninas. – Pensem em liberdade. Deixem a imaginação viajar. Mostrem-me o que está em seus corações. Coloquem isso no papel.

Como recompensa, ele costumava levá-las ao teto do prédio, para que ficassem mais próximas das estrelas. Dali, podiam ver além dos muros do campo e avistar as montanhas lá longe. As garotas sonhavam com passarinhos e borboletas, balanços e lagos. E, usando giz de cera e lápis de cor, derramavam seus sonhos no papel.

Quando as aulas terminavam e todas as tarefas tinham sido feitas, brincavam com um jogo chamado Smelina, que foi inventado ali mesmo no gueto. O engenheiro Oswald Pock, que fora deportado para Terezin, o inventara, baseando-se num jogo chamado Monopólio. Os jogadores teriam propriedades, tais como Entwesung, a estação depauperada onde as roupas eram desinfetadas, e o quartel dos guardas. Em vez de construir um hotel, os jogadores tinham de construir um kumbal, um esconderijo no sótão acima do quartel. O dinheiro usado no jogo era a moeda corrente do gueto, chamada de kronen.

Apesar de todas as distrações, Hana sempre acabava se sentindo ainda mais faminta e solitária. George fazia uma falta imensa. Então, um dia, anunciaram que algumas regras seriam alteradas. As garotas poderiam sair uma vez por semana, por duas horas.

Hana saiu correndo imediatamente até a casa dos meninos.

– George, George Brady! – gritava. – Onde está o meu irmão? Você viu meu irmão?

Ela corria de quarto em quarto, perguntando para cada menino que encontrava. Estava tão ansiosa para encontrar o irmão que até abriu a porta do banheiro dos meninos. E ali estava George, no seu novo trabalho de encanador. Que reencontro feliz foi aquele! George deixou as ferramentas no chão e Hana caiu em seus braços. Eles riram. Eles choraram. Milhões de perguntas saíram descontroladamente de suas bocas.

– Você está bem? Alguma notícia de Mamãe e Papai? Está comendo bem?

Dali em diante, aproveitavam cada oportunidade para se encontrar.

George levava a sério a responsabilidade de ser o irmão mais velho. Ele sentia que era sua obrigação proteger Hana e se certificar de que ela não se metesse em confusões. Ele queria que ela estivesse o mais saudável e feliz possível quando encontrassem os pais novamente.

Hana também era muito devotada ao irmão. Em Terezin, onde nunca havia o suficiente para matar a fome, os moradores recebiam um pequeno bucha, uma rosquinha frita, uma vez por semana. Hana nunca comia a sua. Ela entregava sua rosquinha para George, para que ele ficasse forte e continuasse “um doce”.

A menina percebia que mais pessoas chegavam a cada dia. Homens, mulheres e crianças vinham de toda a Tchecoslováquia e de outros países europeus. Todo dia, um novo grupo desembarcava de trem, e Hana ia procurar rostos familiares. Às vezes, quando se sentia bem, aproximava-se de estranhos e perguntava:

– Você conhece meu pai e minha mãe? Você esteve num lugar chamado Ravensbruck? Minha mãe está lá! Você sabe alguma coisa de Karel e Marketa Brady?

A resposta era sempre a mesma, mas era dada com bondade e compaixão, sem disfarçar o sentimento de pena:

– Não, querida, não conhecemos seu pai e sua mãe. Mas se soubermos de algo, qualquer coisa, iremos procurá-la e lhe contaremos tudo.

Um dia, um rosto familiar apareceu: uma velha amiga de seus pais que não tinha filhos. No começo, Hana ficou animadíssima por encontrá-la. Qualquer coisa que lhe recordasse seu antigo lar e a aproximasse um pouquinho mais de seu pai e de sua mãe já era um conforto. Mas, de repente, para todos os lugares que Hana ia, a mulher estava esperando por ela. A cada esquina, lá estava ela. Ela apertava as bochechas de Hana e a beijava. Um dia, ela foi longe demais.

– Venha aqui, pequenina – disse ela, estendendo a mão. – Lembre-se de como nos divertimos juntas. Não se acanhe. Não fique sozinha. Você pode vir me ver todos os dias. Pode até me chamar de “mãe”.

– Eu já tenho uma mãe – rebateu Hana. – Vá embora! Deixe-me sozinha!

Hana se recusou a vê-la de novo. Ela sentia falta de sua própria mãe. E ninguém ia tomar o lugar desta.

NO MUSEU DO GUETO DE TEREZIN, Ludmila sentou-se e encarou a jovem japonesa empoleirada na ponta da cadeira do outro lado da mesa. A forte determinação de Fumiko estava estampada em seu rosto. Ludmila gostou dela e queria ajudá-la a saber mais sobre essa garotinha, Hana Brady.

Ela puxou um grande livro da prateleira. Dentro dele, os nomes de quase noventa mil homens, mulheres e crianças que estiveram aprisionados em Theresienstadt e que depois foram levados para o leste. Foram direto à página da letra B: Brachova, Hermina. Brachova, Zusana. Brada, Tomas. Bradacova, Marta. Bradleova, Zdenka.

– Aqui está ela! – exclamou Ludmila. E ali estava: Hana Brady, 16 de maio de 1931.

– Como posso saber mais sobre ela? – perguntou Fumiko.

– Gostaria de saber... – respondeu Ludmila.

– Mas, veja! – disse Fumiko, apontando para outra linha na página. Havia outro Brady, listado acima de Hana. – Será que são da mesma família? – Fumiko pensou alto.

Ludmila olhou as datas de nascimento. Apenas três anos de diferença.

– Sim – respondeu ela. – Há muitas chances de ser um irmão. Os nazistas costumavam listar familiares próximos.

Fumiko notou outra coisa: ao lado do nome de Hana havia uma marca de checagem. Havia uma marca em todos os nomes daquela página, exceto em um. Ao lado do nome de Brady, George Brady, não havia nenhuma marca. O que isso significava?

581	Wolfenstein Helene	37581 ✓	Haushalt AZ-315	15. 6. 1890	Gr. Meseritsch Oberstadt 350	100716
582	Wolfenstein Walter	37582 ✓	Arbeiter AZ-316	19. 10. 1913	Gr. Meseritsch Oberstadt 350	100719
583	Wolfenstein Zitonia	37583 ✓	Schneiderin AZ-317	10. 1. 1911	Gr. Meseritsch Oberstadt 350	100718
584	Schock Ing. Friedrich	37584 ✓	Masch. Ing. AZ-318	23. 6. 1891	Unter Dobrua 81 <i>John Bohore</i>	100646
585	Drechsler Simon	37585 ✓	Kaufmann AZ-319	3. 8. 1913	Gr. Meseritsch Jalimilg. 35	100453
586	Sohnabel Rudolfine	37586 ✓	Haushalt AZ-320	20. 3. 1877	Unter Dobrua 81	100643
587	Schock Ottokar	37587 ✓	Arzt AZ-321	4. 11. 1894	Unter Dobrua 81	100649
588	Schock Edith	37588 ✓	Haushalt AZ-322	17. 6. 5. 1907	Unter Dobrua 81	100641
589	Schock Juglar	37589 ✓	Schülerin AZ-323	30. 3. 1930	Unter Dobrua 81	100645
590	Schock Zdenko	37590 ✓	Schüler AZ-324	31. 7. 1938	Unter Dobrua 81	100650
591	Fein Anna	37591 ✓	Private AZ-325	9. 6. 1890	Neustadt I. 1...13 <i>Nové Město u Morav.</i>	100491
592	Lauer Inna	37592 ✓	Haushilfin AZ-326	31. 8. 1912	Teltsch, Litzke 181 1 1. 17 dzt. Trebitsch Iglauer for 1 <i>John</i>	100647
593	Thierfeld Emma	37593 ✓	Haushalt AZ-327	13. 3. 1887	Stadt Paar 63	100636
594	Scheartz Irene	37594 ✓	Fotografin AZ-328	3. 12. 1915	Stadt Paar 63 <i>Město Lána</i>	100654
595	Thierfeld Paul	37595 ✓	Arbeiter AZ-329	16. 3. 1893	Stadt Paar 63	100633
596	Brady Georg	37596 ✓	Schüler EK 2125	9. 2. 1928	Neustadt I. 1...13	100435
597	Brady Klára	37597 ✓	Schülerin ET-341	14. 5. 1931	Neustadt I. 1...13	100436
598	Jillitsch Anna	37598 ✓	Haushalt AZ-338	27. 1. 1901	Lachesetz 28 M <i>Brzeja</i>	100714
599	Blum Irene	37599 ✓	Haushalt AZ-416	16. 10. 1891	Gr. Meseritsch Jalimilg. 35	100433
600	Duchsbaum Elza	37600 ✓	Haushalt 63-372	13. 12. 1902	Gr. Meseritsch Jalimilg. 35	100448

A lista que revelou a Fumilo que Hana tinha um irmão.

21
THERESIENSTADT,
1943-44

OS DIAS E OS MESES IAM PASSANDO, e Theresienstadt ficava cada vez mais cheia e amontoada. Trens lotados de pessoas chegavam a toda hora. Isso significava menos comida para todos, e as pessoas começavam a ficar doentes e fracas. Os mais jovens e os mais idosos eram os que mais corriam riscos.

Um dia, depois de um ano no gueto, Hana recebeu uma mensagem urgente do irmão: Encontre-me na Casa dos Meninos às seis horas desta tarde. Tenho uma surpresa maravilhosa para você.

George não conseguia esperar para dar as boas-novas a Hana.

– Vovó está aqui! Ela chegou ontem à noite!



O prédio em Theresienstadt, agora reformado, em que Hana viveu.

As crianças ficaram mais do que felizes em ver a avó. Também ficaram preocupadas. A avó de George e Hana era uma mulher culta e refinada, que vivia confortavelmente na capital, Praga. Foi essa avó generosa que havia presenteado os netos com os triciclos. Quando a visitavam na cidade grande, ela sempre lhes dava bananas e laranjas. Mas, nos últimos anos, ela havia estado muito doente. Como ela sobreviveria àquele lugar horrível? Logo perceberam que

não conseguiria.

As crianças encontraram-na num sótão hiperlotado, dormindo diretamente em cima de palha, uma das muitas pessoas idosas e doentes. Eram meados de julho, e o sótão estava um forno. Ficaram horrorizados com o que viram: a avó, elegante e carinhosa, estava com uma aparência terrível. Seu lindo cabelo branco, antigamente tão penteado e arrumado, estava todo embaraçado. Suas roupas estavam rasgadas e gastas.

– Eu trouxe um desenho para você! – exclamou Hana, achando que isso faria sua avó sorrir. Mas esta quase não conseguia virar a cabeça. Então Hana pegou seu desenho e dobrou como um leque. – Descanse – disse, enquanto abanava a avó. Hana sentiu-se orgulhosa de poder fazer alguma coisa para ajudá-la.

Hana logo soube que os idosos em Theresienstadt eram os que recebiam as menores porções de comida. A comida que sua avó recebia nunca era suficiente para matar a fome e estava sempre cheia de bichos. E não havia remédios. As crianças a visitavam sempre que podiam e tentavam animá-la com presentes que haviam feito e com canções que haviam aprendido.

– Esse pesadelo irá acabar logo – dizia George.

– Mamãe e Papai estão contando que permaneçamos fortes – dizia Hana.

Todavia, em três meses sua avó estava morta. Além de George e Hana, poucas pessoas perceberam. A morte estava em todos os lugares. Tantas pessoas morriam todos os dias que o cemitério já estava lotado. Apoiando-se um no outro, Hana e George se lembraram dos tempos felizes com a avó e choraram juntos.

Conforme as pessoas iam sendo despejadas em Terezin, outras milhares eram levadas embora. Eram esmagadas em vagões de carga e enviadas para um destino desconhecido no leste. Rumores sobre essas viagens se espalharam dentro dos muros do campo. Alguns tentaram se convencer, e convencer os outros, de que uma vida melhor esperava pelas pessoas que iam embora no trem. Mas, conforme o tempo passava, chegavam histórias de campos de extermínio e assassinatos brutais em massa, que se espalhavam rapidamente. Quando ouvia as pessoas falando dessas coisas, Hana tapava os ouvidos.

As semanas passavam, e a temida lista das pessoas a embarcar era colocada em cada prédio. As pessoas que tivessem o nome nessa lista deveriam se apresentar num auditório próximo aos trilhos em dois dias.

Listas. Em todos os lugares havia listas. Os nazistas eram sistemáticos em relação aos registros e queriam que todos os prisioneiros soubessem disso. Por intermédio da contagem frequente dos prisioneiros, mostravam quem estava no comando. Todos ali sabiam que ser contado e ser percebido poderia significar ser levado a outro lugar e ser novamente separado da família e dos amigos.

Uma manhã, enquanto Hana fazia suas tarefas, todos foram ordenados a parar o que estivessem fazendo e reunir-se num amplo campo do lado de fora da cidade. Todos: jovens e idosos. Marcharam para fora escoltados por soldados nazistas que carregavam metralhadoras. Foram ordenados a ficar ali sem comida e sem água, pressentindo que algo terrível estava para acontecer. Hana e as outras garotas nem ousavam cochichar entre si.

Hana não conseguia aceitar que seria separada de George. Ou das garotas do Kinderheim L410, que haviam se tornado como irmãs. Já não era suficiente que seus pais haviam sido separados dela? Ella ficou ao seu lado, tentando animá-la com sorrisos e piscadelas. Mas, depois

de quatro horas esperando, Hana já não conseguia conter o desespero. Ela começou a chorar.

Ella tirou um pequeno pedaço de pão que estava escondido dentro do casaco.

– Coma isto, Hana – silenciosamente implorou. – Vai se sentir melhor.

Mas as lágrimas de Hana não paravam. Então, a amiga virou-se e olhou para ela.

– Ouça atentamente o que vou dizer – sussurrou. – Você está infeliz e com medo. É assim que os nazistas querem nos ver. Todos nós. Você não pode dar essa satisfação a eles, Hana. Não pode dar aquilo que eles querem. Somos mais fortes e melhores do que isso. Seque essas lágrimas, Hana, e faça uma cara corajosa.

Miraculosamente, foi o que Hana fez.

O comandante nazista começou a gritar nomes. Todos seriam chamados. Finalmente, depois de oito horas suportando o vento frio, todos foram ordenados a voltar para os barracões.

Era setembro de 1944. Quando os nazistas começaram a perceber que estavam perdendo a guerra, anunciaram que mais pessoas deixariam Theresienstadt. Os transportes estavam acelerados. Agora, todos os dias havia uma lista de nomes.

Todas as manhãs, quando descia até a frente do prédio para ver a lista, o coração de Hana disparava. E um dia o nome que ela não queria ver estava lá: George Brady. Hana sentiu os joelhos fraquejarem. Sentou-se no chão e chorou. George, seu querido irmão, seu protetor, estava sendo mandado embora para o leste. Aquele menino forte, agora um jovem, estava designado a seguir no trem com outros dois mil homens fortes.

No seu último encontro, no caminho lamacento entre a Casa dos Meninos e o Kinderheim L410, George pediu que Hana ouvisse atentamente.

– Eu vou embora amanhã – disse ele. – Agora, mais do que nunca, você precisa comer o mais que puder. Precisa respirar ar fresco sempre que conseguir. Precisa cuidar de sua saúde. Seja forte. Aqui está minha última porção de comida. Coma até a última migalha.

George deu um forte abraço na irmã e suavemente tirou o cabelo da frente dos olhos dela.

– Eu prometi a Mamãe e Papai que cuidaria de você e a traria de volta para casa, sã e salva, para sermos novamente uma família. Não quero quebrar minha promessa – disse George. O toque de recolher soou alto e ele foi embora.

Hana sentiu um grande desânimo. Não conseguia suportar ficar separada do irmão. Primeiro foram seus pais e, agora, George.

Ela se sentia terrivelmente sozinha no mundo. Às vezes, quando as outras garotas tentavam animá-la, Hana virava o rosto ou simplesmente era ríspida:

– Por que vocês não me deixam em paz?

Apenas a bondosa Ella conseguia convencê-la a comer as minguadas refeições.

– Lembre-se do que seu irmão lhe disse. Você precisa cuidar de sua saúde e ficar forte: por ele.

Quatro semanas mais tarde, Hana soube que também seria enviada ao leste. Ela iria reencontrar o irmão!

– Eu vou ver George de novo! – ficava dizendo para todo mundo. – Ele está esperando por mim.

Procurou por Ella.

– Pode me ajudar? – pediu. – Quero estar bem quando reencontrar meu irmão. Quero que ele veja como eu me cuidei bem.

Apesar de seus temores, Ella queria nutrir as esperanças de sua jovem amiga. Ela sorriu e ajudou-a. Pegou água na bomba e usou seu último pedaço de sabão para lavar o rosto de Hana e limpar seu cabelo embaraçado e sujo. Com um trapo, arrumou o cabelo de Hana e fez um rabo de cavalo. Deu um beliscão em cada bochecha para que Hana ficasse corada. Daí, deu um passo para trás para admirar o seu trabalho: o rosto da menina brilhava, com esperança.

– Obrigada, Ella – disse Hana, abraçando a menina mais velha –, não sei o que faria sem você.

Pela primeira vez, desde que George havia ido embora, Hana parecia feliz.

Naquela noite, Hana fez a mala. Não havia muito o que arrumar: algumas peças de roupa extremamente gastas, um de seus desenhos favoritos das aulas de arte do professor Friedl e um livro de histórias que ganhara de Ella. Quando Ella foi dormir, Hana deitou no seu beliche e dormiu sua última noite em Theresienstadt.

Na manhã seguinte, ela e muitas outras garotas do Kinderheim L410 marcharam em direção aos trilhos. Guardas nazistas berravam ordens, e seus cães latiam e cerravam os dentes. Ninguém saiu da fila.

– Para onde você acha que estamos indo? – Hana sussurrou a Ella.

Ninguém sabia. As garotas encheram os vagões escuros, um por um, até que não havia mais nem um centímetro de espaço. Havia um cheiro ruim no ar. E o trem começou a se mover.

O trem andou por um dia e uma noite. Não havia comida. Não havia água. Não havia banheiro. As meninas não tinham ideia de quanto duraria a viagem. Suas gargantas estavam secas, seus ossos doíam e seus estômagos roncavam de fome.

Tentavam consolar umas às outras cantando canções que lembrassem o lar.

– Apoie-se em mim – disse Ella, suavemente. – E escute, Hana.

Quando eu quero chorar

Penso logo na centopeia:

Se tivesse que andar como ela

la ficar bem dolorida!

Minha vida, e não a dela,

É que é bem divertida!

As garotas ficavam de mãos dadas. Fechavam os olhos e imaginavam estar em outro lugar. Cada garota imaginava algo diferente. Quando Hana fechava os olhos, ela via o rosto forte e risonho de seu irmão.

Então, de repente, no meio da noite, no dia 23 de outubro de 1944, as rodas do trem frearam. As portas se abriram. As garotas foram ordenadas a sair do vagão. Estavam em Auschwitz.

Um guarda raivoso ordenava que ficassem em filas retas e em silêncio na plataforma. Ele segurava com força um grande cão, pronto para dar o bote. Olhava o grupo de cima a baixo rapidamente. Balançou seu chicote em direção a uma menina que sempre teve vergonha de sua grande altura.

– Você! – disse ele. – Ali, à direita!

Balançou o chicote novamente em direção a outra menina mais velha.

– Você, pra lá também!

Então, chamou um grupo de jovens soldados que estava na ponta da plataforma.

– Leve-as, agora! – ordenou, apontando para Hana e o resto do grupo.

Grandes holofotes quase cegaram as meninas.

– Deixem as malas na plataforma – ordenaram os soldados.

Através de um grande portão de ferro e sob o olhar atento dos cães de guarda e dos homens uniformizados, Hana e suas antigas companheiras de quarto marcharam. Hana segurava a mão de Ella com força. Passaram por grandes barracões, viram os rostos esqueléticos dos prisioneiros em seus uniformes listados, espiando pelas frestas das portas. Foram ordenadas a entrar num grande prédio. As portas se fecharam atrás delas com um barulho terrível.

– O QUE ESSA MARCA DE CHECAGEM SIGNIFICA? – perguntou Fumiko, olhando para a página onde estavam os nomes de Hana Brady e George Brady.

Ludmila hesitou, então falou cuidadosamente.

– A marca significa que a pessoa não sobreviveu.

Fumiko abaixou os olhos e olhou a folha novamente. O nome de Hana estava marcado. Como as quase quinze mil crianças que passaram por Theresienstadt, Hana morreu em Auschwitz.

Fumiko abaixou a cabeça e fechou os olhos. Ela já desconfiava da verdade. Mas vê-la confirmada no papel era um golpe. Fumiko sentou-se ali, em silêncio, tentando assimilar o que ouvira.

Então, recompôs-se e olhou para cima. A história de Hana não estava acabada. Agora, mais do que nunca, Fumiko queria saber tudo sobre ela: para si mesma, para as crianças que esperavam no Japão e para a memória de Hana. Estava absolutamente determinada de que esta vida, tirada tão injustamente, não seria esquecida. Era sua missão. E a busca não tinha acabado.

– Não há marcas ao lado do nome de George – disse Fumiko. – Será que há um jeito – gaguejou – de descobrir onde ele está? O que aconteceu com ele? Para onde ele foi? Ele ainda está vivo? – se ela pudesse encontrá-lo, ele poderia lhe contar mais sobre Hana. Fumiko sentiu que tremia de ansiedade.

Ludmila olhou com tristeza para Fumiko, do outro lado da mesa. Podia ver como Fumiko queria saber.

– Não tenho ideia do que aconteceu com ele – disse, suavemente. – A guerra foi há tanto tempo, você sabe. Ele pode ter ido para qualquer lugar do mundo. Pode ter mudado o nome. Ou pode até mesmo já ter morrido de velhice.

– Por favor – implorou Fumiko –, ajude-me a encontrá-lo.

A mulher suspirou e virou-se para as estantes com largos volumes com nomes e listas.

– Podemos procurar pistas aqui – disse ela.

Por uma hora, Fumiko e Ludmila olharam os livros cheios de nomes, procurando outra menção a George Brady. E, finalmente, encontraram uma.

Estava na lista de prisioneiros do Kinderheim L417, a Casa dos Meninos em Theresienstadt. Os nomes estavam agrupados em listas de seis, pois dois garotos compartilhavam o mesmo colchão num beliche de três andares. Quando Ludmila checou os nomes do grupo de George Brady, olhou para Fumiko, assustada.

– Kurt Kotouc – disse ela. – Kurt Kotouc – repetiu. – Eu conheço esse nome. Ele está vivo. Acho que esse colega do beliche de George vive em Praga, mas não tenho ideia de seu endereço. Se o localizarmos, talvez ele possa nos dizer o que aconteceu com o irmão de Hana. Infelizmente, não há mais nada que eu possa fazer por você aqui. Tente o Museu Judeu em Praga. Talvez alguém ali consiga ajudá-la.

Fumiko agradeceu Ludmila muitas vezes, por tudo o que ela havia feito. Ela a abraçou e prometeu contar os resultados de sua busca. Ludmila desejou toda a sorte para Fumiko. Então, Fumiko pegou sua pasta e correu do museu até a praça. O ônibus para Praga sairia a qualquer

momento.

RESTAVAM APENAS ALGUMAS HORAS , antes que o avião de Fumiko partisse para o Japão na manhã seguinte. Tão logo saiu do ônibus em Praga, chamou um táxi.

– Museu Judeu, por favor – disse, tentando recuperar o fôlego.

Ela chegou ao Museu Judeu em Praga alguns minutos antes do fechamento. O guarda pediu que voltasse no dia seguinte.

– Não posso! – implorou Fumiko. – Tenho de voltar ao Japão amanhã de manhã. Estou aqui para ver Michaela Hajek Ela me ajudou a encontrar desenhos muito importantes.

Quando nada mais parecia convencer o guarda, Fumiko distorceu um pouco a verdade.

– Ela está me esperando – disse Fumiko, confiante.

E ele a deixou entrar.

Dessa vez, Fumiko teve sorte. A mulher estava em seu escritório e se lembrou da história de Hana. Ela ouviu atentamente enquanto Fumiko contava tudo o que havia descoberto.

– Já ouvi falar de Kurt Kotouc – disse Michaela, com voz suave. Fumiko nem conseguia acreditar. – Vou ajudá-la a encontrá-lo – prometeu Michaela. Ela percebeu que Fumiko não tinha tempo a perder.

Fumiko sentou-se em silêncio enquanto Michaela dava um telefonema atrás do outro. Cada pessoa com quem Michaela falava fornecia outro número de contato e desejava boa sorte na busca. Finalmente, ela encontrou um escritório em que o Sr. Kotouc trabalhou como historiador de arte. Ela passou o telefone para Fumiko, para que ela tentasse explicar a situação. A secretária queria ajudar, mas disse que o Sr. Kotouc estava partindo em viagem para a América naquela noite.

– Sinto muito – explicou a secretária –, mas será impossível vê-lo hoje.

Ele não tinha nem tempo para dar um telefonema.

Michaela percebeu o desapontamento no rosto de Fumiko. Pegou o telefone de volta e implorou à secretária.

– Você não tem ideia de como esta jovem está desesperada. Ela tem de voltar ao Japão logo pela manhã. Esta é sua única chance.

A secretária, finalmente, cedeu.

Duas horas mais tarde, o céu já estava escuro, e o museu, oficialmente fechado. Todos os funcionários já tinham ido embora, mas um escritório continuava com as luzes acesas. Ali, Fumiko e Michaela aguardavam a chegada do Sr. Kotouc.

Finalmente, ele chegou. O homem forte, com grandes olhos brilhantes, tinha muito o que contar.

– Tenho apenas meia hora – disse ele – antes de ir para o aeroporto. Claro que me lembro de George Brady. Dormimos no mesmo beliche em Theresienstadt. Nunca esquecemos os laços que formamos com as pessoas em Theresienstadt. E, além disso, ainda somos amigos. Ele mora em Toronto, no Canadá.

O Sr. Kotouc tirou do bolso uma pequena agenda de endereços.

– Aqui está o que você procura – disse, sorrindo.

Escreveu o endereço de George Brady e deu o papel a Fumiko.

– Oh, Sr. Kotouc, nem sei como lhe agradecer!

– Boa sorte! – disse ele a Fumiko. – Fico feliz em saber que as crianças no Japão estão interessadas na história do Holocausto.

Então, o Sr. Kotouc praticamente correu para fora do escritório, com a mala na mão.

Fumiko sorria de orelha a orelha. Toda a sua perseverança tinha sido recompensada. Ela disse a Michaela quão grata estava por toda a sua ajuda.

Na manhã seguinte, Fumiko acomodou-se em seu assento para o longo voo até o Japão. Ainda estava radiante. Repassou mentalmente toda a história que contaria às crianças no Centro. Quando pensava que Hana tinha um irmão mais velho, lembrava-se da própria irmãzinha, três anos mais nova. Fumiko sempre a protegeu e imaginou como seria horrível se ela estivesse em perigo. Só de pensar nisso, ela tremia. Olhava pela janela, enquanto os eventos do dia anterior se repetiam em sua mente. Depois de uma hora, caiu num sono profundo. Era a primeira vez que relaxava depois de muito tempo.

DE VOLTA A TÓQUIO, Fumiko convocou uma reunião especial do “Pequenas Asas”. Ela contou todos os detalhes de sua aventura aos membros. As notícias tristes vieram primeiro. Quando as crianças se reuniram em círculo ao redor dela, Fumiko contou, numa voz suave, o que todos imaginavam: Hana tinha morrido em Auschwitz.

– Mas tenho uma ótima surpresa – disse Fumiko. Os rostos das crianças se encheram de esperança. – Hana tinha um irmão chamado George... E ele sobreviveu!

As perguntas começaram imediatamente.

– Onde ele está? – perguntou Maiko.

– Quantos anos ele tem? – outro menino quis saber.

– Ele sabe que estamos com a mala de Hana? – perguntou Akira.

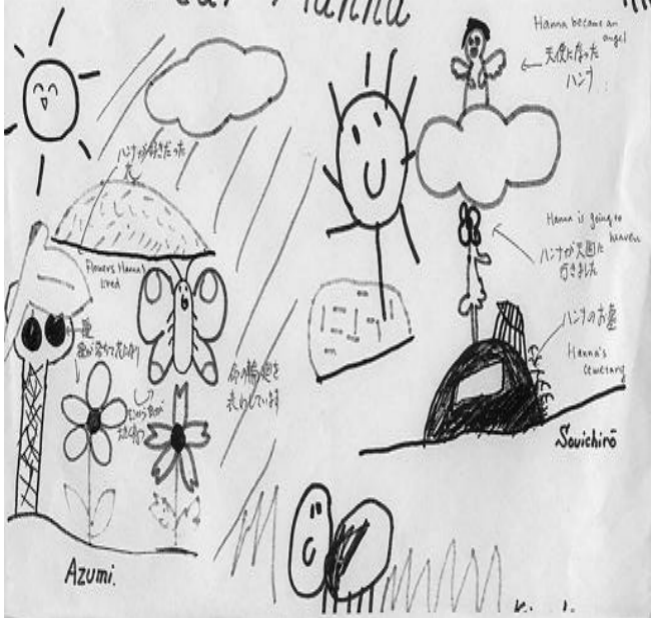
Fumiko disse tudo o que sabia. E disse que ficaria até tarde naquela noite para escrever uma carta a George.

– Podemos enviar alguma coisa junto com a carta? – perguntou Maiko. As crianças mais velhas se espalharam à procura de lugares tranquilos para sentar e escrever poemas. – O que podemos fazer? – Akira perguntou a Maiko.

– Faça um retrato de Hana – respondeu ela.

– Mas eu não sei como ela era! – ele respondeu.

Dear Hanna



Uma homenagem para Hana das crianças do Centro Educacional do Holocausto. Elas usaram o jeito alemão de escrever Hana porque estava assim na mala.

– Use a sua imaginação – disse Maiko. E Akira fez exatamente isso.

Fumiko escreveu sua carta com cuidado. Ela sabia que algumas informações ali seriam um

choque para George. Ela sabia que alguns sobreviventes do Holocausto se recusavam a falar sobre suas experiências. Pensava que as memórias dele eram doloridas e amargas, e que talvez ele nem quisesse ouvir falar da mala de Hana e das crianças do Centro Educacional do Holocausto de Tóquio, no Japão.

Fumiko providenciou cópias dos desenhos de Hana e embalou-as cuidadosamente, junto com os desenhos e cartas das outras crianças. Ela levou o pacote até o correio, cruzou os dedos e enviou-o ao Canadá.

ERA UMA TARDE QUENTE DE AGOSTO. George Brady, setenta e dois anos, havia chegado mais cedo do trabalho e planejava revisar algumas contas naquela tarde. Ele estava sentado na sala de jantar quando ouviu os passos do carteiro, o barulho dos envelopes entrando pela fresta na porta e caindo no chão. “Pego a correspondência mais tarde”, pensou ele. Daí, tocaram a campainha.

Quando ele abriu a porta, viu o carteiro.

– Isto não passa pela fresta – disse ele, estendendo um pacote com um selo do Japão. “O que será isto?”, pensou George. Ele não conhecia ninguém no Japão.

Quando ele abriu o pacote e começou a ler a carta, seu coração disparou. Ele fechou os olhos. Abriu-os novamente, piscando forte, certificando-se de que aquilo que estava lendo era real. Estaria sonhando acordado?

A perda da irmã Hana era a dor mais íntima e profunda de George. Ele tinha vivido com aquela dor por mais de meio século, e nunca superou a culpa por não ter zelado pela irmã, protegendo-a do pior.

Agora, de alguma forma, do outro lado do mundo, a história dela estava sendo contada, e sua vida, homenageada. George estava perplexo. Ele se sentou e deixou que sua mente voltasse cinquenta e cinco anos antes.



George Brady hoje.

Quando Auschwitz foi libertado, em janeiro de 1945, George Brady tinha dezessete anos de idade. Ele sobreviveu aos horrores do campo por ser jovem e forte. E teve muita sorte por trabalhar no que aprendeu em Theresienstadt: consertar encanamentos. Na época de sua

libertação, estava muito fraco e terrivelmente magro. Mas George estava determinado a voltar a Nove Mesto: para seus pais e sua irmãzinha Hana. Ele queria desesperadamente ver sua família reunida novamente.

A pé, de trem e pedindo carona, George conseguiu voltar à casa que amava em maio de 1945. Foi diretamente à casa de Tio Ludvike Tia Hedda. Aquele tinha sido o último lugar em que havia sido amado e se sentido seguro com sua família. Quando abriram a porta e viram o sobrinho, o tio e a tia caíram em cima dele – abraçando, beijando, tocando e chorando –, quase descrentes de que ele havia sobrevivido.

Mas a intensa alegria do reencontro foi rápida.

– Onde estão Mamãe e Papai? – perguntou George.

Ludvik e Hedda foram forçados a contar a verdade. Marketa foi enviada de Ravensbruck a Auschwitz e assassinada ali em 1942. Karel foi morto no mesmo ano.

– E Hana? – sussurrou George.

Tudo o que seus tios sabiam era que ela havia sido enviada a Auschwitz.

Por meses, George nutriu a vã esperança de que de algum jeito, em algum lugar, Hana apareceria. Ele procurava por ela nos rostos de todas as meninas que via, em cada rabo de cavalo que passava balançando, em cada passo lépido de uma criança saudável na rua. Um dia, George encontrou uma adolescente na rua principal em Praga. Ela parou bem na frente dele.

– George? – perguntou. – Você não é George Brady, irmão de Hana? Meu nome é Marta. Eu conheci Hana. Todas nós, as garotas mais velhas de Theresienstadt, amávamos a sua irmã.

George procurou nos olhos de Marta alguma informação, alguma esperança. Ela percebeu que George ainda não sabia o que acontecera com Hana.

– George – disse ela, calmamente, de maneira simples, segurando as mãos dele –, Hana foi enviada para morrer na câmara de gás, em Auschwitz, no mesmo dia em que chegou. Sinto muito, George. Hana está morta.

Os joelhos de George viraram gelatina e todo o seu mundo escureceu.



ホロコースト教育資料センター
Tokyo Holocaust Education Resource Center

~For Children, Builders of Peace

〒180-0015 東京都新宿区大塚町28-105
TEL: 03-5363-4808 FAX: 03-5363-4809
2F-102 Oshyo-cho Shinjuku Tokyo 180-0015 JAPAN
TEL: +81-3-5363-4808 FID: +81-3-5363-4803
E-mail: thocenter@tokyo.ansel.ne.jp
homepage: http://www.ne.jp/asahi/holocast/tokyo

Mr. George Brady
23 Blyth Hill Road
Toronto 12, M4N 3L5
CANADA

August 22, 2000

Dear Mr. Brady,

We take a liberty of addressing and telling you about our activities in Japan. My name is Fumiko Ishioka and I am Director of Tokyo Holocaust Education Resource Center. In July this year I met with Mr. Kurt Jiri Kotouac in Prague and I got your address from him. The reason why I am writing to you is because we are now exhibiting your sister, Hanna Brady's suitcase at our Center. Please forgive me if my letter hurts you reminding you of your past difficult experiences. But I would very much appreciate it if you could kindly spare some time to read this letter.

Please let me start with a little explanation on what we do in Japan. Tokyo Holocaust Education Resource Center, established in October 1998, is a non-profit, educational organization that aims at further promoting understanding of the history of the Holocaust especially among young children in this country. Children here do not have a chance to learn about the Holocaust, but we believe it is our responsibility too to let our next generation learn the lessons of the Holocaust so that such a tragedy would never be repeated again anywhere in the world. As well as learning the truth of the Holocaust, it is also very important for children, we believe, to think about what they can do to fight against racism and intolerance and to create peace by their own hands.

Besides welcoming children at our Center for exhibition and study programs, this year we organized a pair of traveling exhibition, "The Holocaust Seen Through Children's Eyes" in order to reach more children living far from our Center. For this project, we borrowed some children's memorial items from individuals and museums in Europe, one of which is Hanna Brady's suitcase from the museum of Auschwitz. Many children are now visiting our Center to see this suitcase to learn about the Holocaust. In June, furthermore, we held the Children's Forum on the Holocaust 2000, where our Center's children's group "Small Wings" did a little opening performance on Hanna's suitcase. "Small Wings" is a group of children, aged from 8 to 18, who write newsletters and make videos to let their friends know about the Holocaust and share what they learn from it. At the Forum they decided to use Hanna's suitcase to do an introduction for their friends who have never heard of the Holocaust. It successfully helped participants of the Forum focus on one little life, among one and a half million, lost during the Holocaust, and think about importance of remembering this history.

When I received the suitcase from the museum of Auschwitz, all the information I had were things written on the suitcase, her name and her birthday, and from the Terzin memorial book I got the date when she was deported to Auschwitz. I could also find 4 of her drawings from Terzin. But that was all. Hoping to get more information on Hanna, I went to Terzin in July, when I found your name on the list I found from the ghetto museum and heard that you survived. I was then so lucky to find Mr. Kotouac in Prague and met with him, from whom I heard you now live in Toronto. Those children of "Small Wings" were all so excited to know Hanna had a brother and he survived.

I was wondering if you would kindly be able to tell us about you and Hanna's story, the time you spent with Hanna before sent to the camp, things that you talked with her, you and her dreams, and anything that would help children here feel close to you and Hanna to understand what prejudice, intolerance and hatred did to young Jewish children. If possible, I would be grateful if you could lend us any kind of memorial items such as your family's photo, and so on. It will greatly help us further promote our goal to give every child in Japan a chance to learn about the Holocaust.

Thank you very much for your time. I would very much appreciate your kind understanding for our activities.

I look forward to hearing from you.

With kindest regards,

Fumiko Ishioka

Director

Tokyo Holocaust Education Resource Center

A carta de Fumiko para George.

MAIS DE MEIO SÉCULO DEPOIS de George descobrir o terrível destino de seus pais e de sua irmã, muita coisa aconteceu.

Aos dezessete anos, George deixou Nove Mesto. Mudou-se de cidade em cidade pela Europa, carregando seu único bem precioso: uma caixa com fotografias de sua família que Tio Ludvik e Tia Hedda haviam escondido. Então, em 1951, mudou-se para Toronto e abriu uma firma de serviços de encanamento, junto com outro sobrevivente do Holocausto. E fez muito sucesso. George se casou, tornou-se pai de três filhos e, muito depois, de uma filha.

George se orgulhava de – apesar do sofrimento durante o Holocausto e do assassinato de seus pais e de sua irmã pelos nazistas – ter continuado a viver. Era um empresário bem-sucedido e um pai orgulhoso. Ele se considerava uma pessoa saudável que, na maior parte do tempo, deixava sua experiência de guerra no passado. Mas, quando alcançava um objetivo ou se sentia alegre, sempre era cutucado pela lembrança de sua linda irmãzinha e de seu terrível destino.

E agora, ali estava ele, com uma carta do outro lado do mundo, contando como a mala de sua irmã estava ajudando uma geração de japoneses a aprender sobre o Holocausto. A carta de Fumiko também pedia, gentilmente, sua ajuda.

Por favor, me desculpe se minha carta o machuca por lembrá-lo de sua experiência difícil. Mas eu gostaria muito de poder saber mais da sua história e da história de Hana. Gostaríamos de saber como era a vida de vocês antes de serem enviados ao campo, as coisas sobre as quais conversavam, seus sonhos e os sonhos dela. Estamos interessados em qualquer coisa que ajude as crianças no Japão a se sentirem mais próximas de Hana. Gostaríamos de entender o que o preconceito, a intolerância e o ódio causaram às crianças judias. Se possível, ficaria muito grata se pudesse me emprestar algumas fotos da família. Estou ciente de que a maioria dos sobreviventes do Holocausto perdeu suas famílias e suas lembranças. Mas, se tiver alguma foto, seria de muita ajuda para as crianças do Japão entenderem um pouco mais sobre o Holocausto. Nós, do Centro Educacional do Holocausto de Tóquio e as crianças do “Pequenas Asas”, estamos exultantes em saber que Hana tinha um irmão e que ele sobreviveu.

Estava assinado Fumiko Ishioka.

George nem conseguia acreditar. Tantas conexões espantosas e coincidências estranhas colocaram três mundos juntos: o mundo das crianças no Japão, o mundo de George no Canadá e o mundo perdido de uma menina judia da Tchecoslováquia, que tinha morrido havia tanto tempo. George limpou a lágrima que descia pela sua bochecha e abriu um sorriso. O rosto de Hana estava tão claro em sua mente... Ele quase podia ouvir sua risada e sentir sua mão macia. George foi até o grande armário de madeira e pegou um álbum de fotografias. Queria entrar em contato com Fumiko Ishioka o mais rápido possível.

DESDE QUE MANDARA A CARTA PARA TORONTO , Fumiko estava com os nervos à flor da pele. Será que George mandaria uma resposta? Será que ele ajudaria os japoneses a conhecer Hana? Até mesmo o carteiro sabia como Fumiko estava ansiosa pela resposta.

– Alguma coisa do Canadá hoje? – ela sempre perguntava quando o via andando em direção à porta da frente. Ele ficava triste em ver o desapontamento no rosto dela dia após dia.

Então, no último dia do mês, Fumiko estava recepcionando quarenta convidados no Centro. Eram alunos e professores que tinham vindo aprender sobre o Holocausto e ver a mala. Pelo canto do olho, através da janela, Fumiko viu o carteiro andando rapidamente em direção ao prédio, com um largo sorriso no rosto. Fumiko pediu licença e correu para encontrá-lo.

– Aqui está! – disse ele, sorrindo de orelha a orelha.

E pôs nas mãos dela um grosso envelope vindo de Toronto.

– Oh, obrigada! – exclamou Fumiko. – Obrigada por fazer o meu dia feliz!

Levou o pacote até seu escritório e abriu-o. Conforme ia folheando as páginas, fotos iam aparecendo. Quatro fotografias de Hana, o cabelo louro brilhando em volta de seu rosto redondo.



Hana

Fumiko gritou. Não conseguiu segurar. Alguns professores que visitavam o centro, assim como alguns alunos, correram até o escritório.

– O que aconteceu? Alguma coisa errada? – perguntaram.

– Não há nada errado – disse Fumiko, tropeçando nas palavras. – Estou tão feliz, tão animada. Olhem, aqui está uma foto de Hana! Essa linda garotinha cuja história batalhamos tanto para conseguir.

Juntamente com as fotografias, havia uma longa carta de George. Por intermédio da carta, Fumiko ficou sabendo dos dias felizes de Hana em Nove Mesto, de sua família, de como ela adorava esquiar e patinar. Era reconfortante saber que Hana tinha vivido uma vida feliz antes de a guerra arruinar tudo.

E Fumiko ficou sabendo quem era George. Conforme ia lendo sobre sua vida no Canadá, seus filhos e netos, Fumiko sentiu que explodia de felicidade. Ela começou a chorar. “Ele sobreviveu”, repetia a si mesma. “Ele sobreviveu.” Mais do que isso, tinha uma linda família. Não conseguia esperar até contar aos membros do “Pequenas Asas”.

– ACALMEM-SE! – DISSE FUMIKO, SORRINDO. – Eu prometo que, logo, logo, eles estarão aqui.

Mas nada do que dizia aplacaria o entusiasmo das crianças naquela manhã. Elas pipocavam ao redor do Centro, checando seus poemas, arrumando suas roupas pela enésima vez e contando piadas bobas para o tempo passar mais rápido. Até Maiko, cuja tarefa era acalmar as outras crianças, estava agitada.

Então, finalmente, a espera chegou ao fim. George Brady havia chegado. E havia trazido com ele a filha de dezessete anos, Lara Hana.

Agora, as crianças ficaram quietas. Na entrada principal do Centro, elas cercaram George. E o cumprimentaram, curvando as costas, como é costume no Japão. Akira presenteou George com uma linda guirlanda multicolorida de origami. Todas as crianças se empurravam delicadamente para poder chegar perto dele. Tantos meses depois de Fumiko ter recebido a carta de George, estavam exultantes em finalmente conhecê-lo pessoalmente.

Fumiko segurou George pelo braço.

– Agora, venha conosco ver a mala da sua irmã.

Eles andaram até a área de exposição.

E ali, cercado pelas crianças, com Fumiko segurando uma de suas mãos, e sua filha, Lara, a outra, George viu a mala.



Fumiko segura uma foto da mala e George Brady conversa com as crianças durante sua visita ao Japão e ao Centro Educacional do Holocausto de Tóquio

De repente, uma tristeza insuportável caiu sobre ele. Ali estava a mala. Ali estava o nome

escrito bem em cima: Hana Brady. Sua irmã linda, forte, brincalhona, generosa e divertida. Ela morrerá tão jovem, de uma forma tão horrível! George abaixou a cabeça e deixou as lágrimas rolarem.

Mas, alguns minutos mais tarde, quando olhou para cima, viu sua filha. Viu Fumiko, que havia trabalhado tanto para encontrá-lo e contar a história de Hana. E viu as faces ansiosas daquelas crianças japonesas para quem Hana havia se tornado tão importante e tão viva.

George se deu conta de que, no fim, um dos desejos de Hana tinha se tornado realidade. Hana tinha se tornado uma professora. Por causa de sua mala – e de sua história –, milhares de crianças japonesas aprendiam as coisas que George considerava as mais preciosas dádivas que podemos ter no mundo: tolerância, respeito e compaixão. “Que presente Fumiko e essas crianças me deram”, pensou ele. “E que honra para Hana.”

Fumiko pediu que as crianças se sentassem em círculo. Ela brilhava de orgulho quando, uma por uma, as crianças apresentaram George com os desenhos e os poemas sobre Hana. Quando acabaram, Maiko levantou-se, respirou fundo e leu alto um poema:

*Hana Brady, treze anos de idade, a dona desta mala.
Cinquenta e oito anos atrás, 18 de maio de 1942 –
dois dias depois de celebrar seu aniversário de onze anos –
ela foi levada para Terezin na Tchecoslováquia.
23 de outubro de 1944, amassada num trem de carga,
ela foi para Auschwitz.*

*Ela foi levada à câmara de gás logo depois.
As pessoas só podiam levar uma mala cada uma.
Eu tento imaginar o que Hana levou na sua mala.
Hana teria sessenta e nove anos hoje, mas
sua vida acabou quando tinha treze.
Eu imagino que tipo de garota ela era.
Alguns desenhos que ela fez em Terezin – isso é tudo
que ela deixou para nós.*

*O que esses desenhos nos dizem?
Memórias felizes de sua família?
Sonhos e esperanças para o futuro?
Por que ela foi morta?*

*Havia uma razão.
Ela nasceu judia.*

*Nome: Hana Brady. Data de nascimento: 16 de maio de
1931. Órfã.*

*Nós, “Pequenas Asas”, vamos contar a todas as crianças do
Japão o que aconteceu com Hana.
Nós, “Pequenas Asas”, nunca esqueceremos o que aconteceu
com um milhão e meio de crianças judias.
Nós, crianças, podemos fazer a diferença em construir a paz
neste mundo – para que o Holocausto nunca
aconteça de novo.*

Poema feito pelos membros do “Pequenas Asas”, em dezembro de 2000, Tóquio, Japão.
Traduzido do japonês por Fumiko Ishioka.



Enquanto Mailo lê, à esquerda, membros do “Pequenas Asas” seguram cartazes dizendo:

“Vamos aprender, pense e aja” [para criar a paz] no século XXI”.

CONSIDERAÇÕES
FINAIS



A HISTÓRIA DA MALA DE HANA continua nos surpreendendo. Numa viagem à Polônia, em março de 2004, George e Fumiko descobriram que a mala original havia sido destruída, juntamente com muitos outros objetos do Holocausto, num incêndio suspeito em Birmingham, na Inglaterra, em 1984.

O museu de Auschwitz criou uma réplica – ou cópia – da mala com base em uma fotografia. Foi essa réplica que Fumiko e o “Pequenas Asas” receberam em Tóquio. É política de Auschwitz dizer a todos os que recebem empréstimos que o objeto emprestado não é original. Mas, nesse caso, houve um erro. George e Fumiko não sabiam que a mala era uma cópia até essa viagem para a Polônia.

Olhando para trás, todos os envolvidos ficaram gratos por os curadores de Auschwitz terem tido o trabalho de criar uma réplica tão fiel da mala. Sem ela, Fumiko nunca teria conhecido a história de Hana. Nunca teria encontrado George. E nunca teríamos sabido a história da mala de Hana.

A Mala de Hana está sendo lido ao redor do mundo por milhares de crianças, em mais de vinte línguas. Fumiko, George e a mala continuam viajando para compartilhar a história de Hana, a história da guerra e uma mensagem de tolerância.

AGRADECIMENTOS

EM PRIMEIRO LUGAR, meus agradecimentos a George Brady e Fumiko Ishioka. Esta é a história deles. Cada um, com espantosa dedicação e generosidade, ajudou este livro a nascer. São muito persistentes e compassivos, movidos pelo desejo de fazer deste mundo um lugar melhor e chamar a atenção e honrar a memória de Hana Brady. Eu os parableno.

Meu coração deu um pulo quando li a história da mala de Hana num artigo de Paul Lungen no *Canadian Jewish News* (Jornal Judeu-Canadense). A história me tocou a tal ponto que decidi sair de meu “exílio” e produzir meu primeiro documentário de rádio em doze anos. O resultado foi “A Mala de Hana”, que foi ao ar no The Sunday Edition (Edição de Domingo) na Rádio CBC One, em janeiro de 2001.

O primeiro telefonema que recebemos depois do programa foi de uma chorosa Margie Wolfe, que me disse naquele momento que eu deveria escrever um livro. Margie é uma das pessoas de que mais gosto neste mundo – uma amiga ferozmente leal, hilária, engraçada e extremamente talentosa, que se refere a mim como “minha editora”, com um fingido ar esnobe.

Juntamente com Margie, Sarah Swartz trouxe clareza ao processo editorial. Jeffrey Canton, assim como Carolyn Foster e Laura McCurdy, da Second Story Press, trouxeram importantes colaborações. Reynold Gonsalves sabe que, sem sua paciência e sua prática em estúdio radiofônico e em recursos de computação, minha vida seria muito mais complicada do que já é. Agradeço, também, Carmelita Tenerife, pelo apoio, e Teresa Brady, por sua bondade.

Meu sensacional time de amigas serviu de apoio moral, babás e incentivadoras deste projeto: Susanne Boyce, Cate Cochran, Joy Crysedale, Brooke Forbes, Francine Pelletier, Geraldine Sherman e Talin Vartanian. Quero fazer um agradecimento especial a Madeline Cochran, de nove anos, por ser uma das primeiras a ler o original. As sugestões dela (e de sua mãe) foram maravilhosas!

Nenhuma filha poderia esperar mais apoio e incentivo de seus pais. Minha mãe, Helen, e meu pai, Gil, me ensinaram (entre outras coisas) a valorizar a luta humana e a entender o passado para lutar por um futuro melhor. E me deram a melhor de todas as irmãs mais velhas, Ruthie Tamara, que me encorajou em todos os sentidos.

Michael Enright – meu querido companheiro – acreditava que eu conseguiria escrever um livro muito antes que eu começasse e nunca perdia uma oportunidade de me dizer isso. Sua confiança em mim e seu infinito entusiasmo por este projeto me entusiasmavam e amedrontavam ao mesmo tempo. A cada passo, ele me dava a nutrição de que eu precisava, o cutucão necessário e o espaço apropriado. Fico grata por tudo isso. Também sou grata pela dedicação sincera da “ninhada” Enright: Daniel, Anthony e Nancy.

Meu filho – Gabriel Zev Enright Levine – tem agora seis anos de idade e é muito novo para saber a história de Hana. Mas, quando estiver com idade suficiente, a lerei para ele. Espero que ele fique atraído por Hana, George e Fumiko como eu fiquei. Também espero que ele compreenda que a História do mundo é relevante para a nossa história e que, apesar da maldade inominável, pessoas e atos de bondade fazem a diferença.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Título original em inglês: *Hana's Suitcase*

Tradução: Renata Siqueira Tufano Ho

Projeto gráfico: Carlos Magno

Versão ePub: [Simplissimo Livros](#)

Copyright © 2002 by Karen Levine

Publicado sob permissão da Second Story Press, Toronto, Ontário, Canadá. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio sem a autorização escrita da editora original.

Direitos de publicação:

© 2007, 2009 Editora Melhoramentos Ltda.

1ª edição digital, junho de 2013

ISBN: 978-85-06-00756-3 (digital)

ISBN: 978-85-06-05565-6 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

